CARTAS

Americanas

POR

José Custodio ALVES DE LIMA
E. C., Ex-Secretario particular junto á missão Lauro Müller
aos Estados Unidos da America

RIO DE JANEIRO
IMPRENSA NACIONAL
1914

CARTAS

AMERICANAS

POR

José Custodio Alves de Lima

E. C., Ex-Secretario particular junto à missão Lauro Müller
aos Estados Unidos da America

RIO DE JANEIRO

IMPRENSA NACIONAL

1914

5073-913

His Excellency Hon. William J. Bryan,
ecretary of State.
With the most respectful compliments of
J. C. Alves de Lima

A' cara familia este pequeno trabalho é dedicado.

O AUTOR.

PROLOGO

Julgando prestar um serviço á grande maioria de Brasileiros que, com grande interesse, acompanhou a viagem do Sr. Lauro Müller aos Estados Unidos da America, tomámos a liberdade de reunir em folheto as cartas que tivemos occasião de publicar no *Jornal do Commercio.*

Tendo residido nos Estados Unidos, com pequenas interrupções, durante alguns annos, só agora, como secretario do actual Sr. Ministro do Exterior, na sua missão á União Americana, é que nos coube a grata opportunidade de ficar conhecendo os seus homens mais eminentes e verificar, por nós mesmos, a razão por que os Estados Unidos anceiavam vêr o Brasil occupar o primeiro plano na America Meridional, sem prejuizo dos direitos e prerogativas dos nossos vizinhos com os quaes, mercê de Deus, mantemos e continuamos a manter a mais estreita amizade.

Nós produzimos o que os Estados Unidos não pódem produzir. O Brasil, por sua parte, não póde absolutamente prescindir de muitos artigos que não nos é dado obter do outro lado do Atlantico em melhores condições do que dos Estados Unidos.

E não só isto: — E' daquelle povo, de uma saude moral e energia nunca vistas, que nos hão de vir os mais valiosos elementos para a formação da nossa nacionalidade como devemos desejal-a: honesta, vigorosa. Aliás, esta preferencia tem sua razão de ser em nossos precedentes historicos que nos acreditaram por longos annos, quer perante a Europa, quer perante os nossos bons visinhos do Norte. E' que o Brasil, elevado desde o começo do seculo

passado á categoria do Reino Unido, com a séde dos oberano de um dos mais antigos reinos do continente europeu, tornara-se logo depois um imperio independente sob o governo de um principe conhecido na Europa pelo seu genio liberal e cavalheiresco. E' que o Brasil tivera logo á seguir e, durante um periodo de quasi meio seculo, um governo estavel e honesto, sob a protecção de um chefe de Estado venerado sem reservas, não só pelos seus subditos, mas por todas as nacionalidades da America e Europa.

São estes os precedentes de paz e de bom governo, rememorados sob o influxo da imagem de Pedro II em sua primeira e ultima visita aos Estados Unidos ; recordados ainda recentemente pela figura e gestos inesqueciveis de Joaquim Nabuco, encantando com a sua eloquencia arrebatadora os academicos das Universidades Americanas, são estes precedentes que nos destacam perante os nossos amigos da Norte America para uma *entente cordiale* não expressa em tratados.

Além disto, existe inegavelmente entre estas duas grandes Republicas, que se contrabalançam na extremidade do Novo-Mundo, uma dependencia mutua de interesses commerciaes que tanto mais se consolidam quanto é certo que mutuamente nos completamos sob os pontos de vista da industria e do commercio.

Mas para que sejamos dignos da amizade leal e sincera de uma nação civilizada como a americana, a razão está mostrando que não podem nem devemos retrogradar, mas quanto antes sahirmos desse marasmo, desse continuo encontro de chefes politicos cujas idéas não se collimam no terreno das grandes aspirações, dos grandes *issues*, em que se dividem os partidos, apenas visando a posse do poder para gozo exclusivo de certos e determinados grupos. E' a politicagem bastarda, infrene, absorvendo as ultimas forças vivas da Nação.

De volta da California, onde foi escolher o local para a nossa futura representação na grande feira internacional daquelle grande Estado, o que mais sobretudo impressionou o Sr. Lauro Müller foi o commercio inter-estadoal daquelle

paiz: — as mercadorias as mais pesadas, os volumes os mais leves, os mais insinificantes, transitando suave e livremente por todo o paiz. Como a tenue folha da arvore á beira de um rio navegavel, segue ella, aguas abaixo, sem que o menor escolho, o menor obstaculo venha obvial-a na sua longa e incerta carreira. Durante toda a viagem não foi o Ministro incommodado com a presença de nenhum funccionario da estrada ou engenheiro, viajando entretanto por estradas de differentes companhias e vencido mais de 14.000 kilometros em menos de um mez!

Ao contrario do que se passa no Brasil, onde tal commercio é descurado e insignificante, os Americanos cultivam-no com carinho, vindo d'ahi a sua grande riqueza e estabilidade. Elles se conhecem em todo o paiz, trocando diariamente os seus productos de Norte a Sul, de Leste a Oeste.

Os typos variam segundo as latitudes. Ha louros e morenos com uma pequena proporção de indios, negros e mulatos, mais concentrados nos Estados do Sul e do Sudoeste do paiz. Pela facilidade de communicações o povo constitue um só bloco inteiriço, a mascara sendo a mesma em todo o paiz.

Para se ter uma idéa approximada do commercio inter-estadoal americano basta dizer-se que só o seu commercio exterior está calculado em um bilhão e quinhentos milhões de dollars e que esse mesmo commercio inter-estadoal está representado por um valor dez vezes superior ao da exportação e importação reunidas, de todo paiz!

Entretanto, o que vemos no nosso Brasil? Uma nação que ainda *taxa* vinte e quatro por cento sobre o valor liquido de seu principal producto de exportação (*), quando em outros paizes tudo se facilita, tudo se envida, concedendo até *bonus* para sua mais facil e prompta sahida! Um paiz com mais de 20.000 kilometros de estradas de ferro e differentes companhias de navegação ao longo de sua immensa

(*) Felizmente, no Rio Grande do Sul e em Santa Catharina o imposto territorial e o imposto sobre o capital já estão introduzidos com grande vantagem para os respectivos Estados.

e longa costa, mas de que não sabe tirar todas as vantagens por não haver trafego mutuo entre esses dois grandes apparelhos commerciaes ! Uma nação onde os proprios Estados e municipios se degladiam, tributando-se reciprocamente, impedindo, deste modo, a expansão do commercio intimo e constante entre elles proprios.

Para corôar a obra : O proprio Estado de S. Paulo, o Estado Imperio da União, podendo expandir o seu importante commercio inter-estadoal com os grandes recursos de que dispõe — como materia prima, capitaes e iniciativa individual — é o primeiro a gravar com impostos *prohibitivos* o seu café torrado *mesmo* para os proprios Estados da Federação ! ! E a Allemanha, a França, a Hollanda, a Belgica e os Estados Unidos que fazem do café torrificado uma das suas mais rendosas industrias !

Póde dizer-se, sem exaggero, que, em assumptos commerciaes e economicos, estamos meio seculo atrás da civilização !

E são os nossos governantes, que não se revesam no poder ha mais de 20 annos, que accusam o Brasileiro da falta de iniciativa, da mania do emprego publico, quando esse qualificativo injusto ajustar-se-hia melhor sobre aquelles que, estando no poder ha tantos annos, já deveriam ter encontrado uma formula tributaria mais intelligente (como a do imposto sobre o capital, ou o territorial), taxas estas que não cerceiam, não abafam as forças naturaes da Nação, mas, muito pelo contrario, acoroçoam o inicio e expansão de qualquer industria ao nascedouro.

Um outro facto que deveria tambem ter impressionado favoravelmente o Sr. Lauro Müller, quando em Washington, fôra a serie nunca vista de investigações criminaes que o Senado e a Camara dos Representantes estavam promovendo contra alguns de seus membros, accusados por actos de suborno em connexão com a passagem de certos projectos de lei favorecendo certas e determinadas corporações.

O que sobremodo honra e nobilita a administração americana é que essa medida, manifestamente energica e

moralisadora, partisse do primeiro magistrado da Republica, o Sr. Woodrow Wilson, que, em mensagem especial ao Congresso, solicitava dessa mesma corporação a necessidade de constituir-se em tribunal para apurar o que existisse de verdade sobre allegados factos criminosos contra os quaes estava clamando a opinião publica.

Estas investigações nunca páram nos Estados Unidos. Ellas caminham com maior ou menor intensidade, conforme a maior ou menor quantidade de crimes a punir, sem que por isso as classes conservadoras venham a soffrer o menor abalo na sua marcha benefica e civilisadora.

E, assim procedendo, o povo Americano, no exercicio daquelles direitos e obrigações que a Constituição lhe confere, dá ao mundo civilizado o espectaculo de um homem que *procura* ser probo e são na sua vida publica e particular, sempre reagindo contra toda a sorte de seducções que lhe possa alluir o caracter e a que só os espiritos fortes, creados na adversidade, podem resistir.

Assim, pois, a Republica, como a devemos comprehender, é a lucta diaria, constante e sem tregoas. Quem não quizer acompanhal-a, terá de substituir a mascara do republicanismo ôco e rubro pela do absolutista franco e desmascarado que vem calhar justamente sobre esse grande numero de *salvadores* que vivem a offerecer o seu sangue *mesmo* em favor do que ahi vemos! . . .

Praza a Deus que o Sr. Ministro do Exterior, que tanto viu, que tanto observou, no tempo limitado que esteve nos Estados Unidos, convença os nossos homens que é chegada a occasião de encararem os negocios publicos com mais interesse do que o tem sido até aqui, despertando-os desse somno criminoso e egoista que está compromettendo o futuro da nossa propria nacionalidade; dessa apathia, desse estado morbido de que já se resentem as classes conservadoras a Lavoura e o Commercio — sem fé, sem esperança, promptos a acceitar qualquer governo que lhes garanta a conservação dos seus teres e o futuro de seus filhos.

Na ordem natural das cousas a Nação é formada de uma communhão de familias, bem ou mal constituida. E' da

Historia, da observação diaria e constante. Quando qualquer dessas nações deixa de progredir um máo estar prevalece, propaga-se dentro e fóra do paiz, naturalmente devido aos grandes interesses, sobretudo commerciaes, que nos prendem a todos os povos civilizados. Se esta nação não persiste em não querer andar tem por força que desandar para ser fatalmente annexada áquellas que nunca deixaram de andar.

Esta é a posição que se nos antolha si a Providencia Divina não fizer os nossos homens mudar de rumo.

Nossos governantes, que se formaram politicamente no Rio de Janeiro, em geral indifferentes a tudo e a todos, menos ao seu bem estar individual, não querem comprehender que os olhos cubiçosos do mundo estão hoje voltados para o Brasil. Que um simples deslocamento, no eixo da politica européa, será mais que sufficiente para sermos a qualquer momento offendidos em a nossa soberania a pretexto de salvação de grandes interesses commerciaes por qualquer potencia do antigo continente. Que estamos desamparados, completamente desguarnecidos, porque *não* temos exercito *nem* marinha. Que as nossas altas patentes são contrarias ás missões estrangeiras para não darem a conhecer os seus antiquados e restrictos conhecimentos militares, apesar das continuas e patrioticas solicitações dos jovens officiaes que estão a bradar por instrucção technica como unico meio de se nivelarem com as esquadras e exercitos deste continente.

Sem exercito *nem* marinha, o Brasil é o unico paiz no mundo civilizado com sertões desconhecidos!

Entretanto, nas condições especiaes em que nos achamos, para a nossa rehabilitação moral aos olhos do mundo, dada a boa indole do nosso povo, o Brasil só precisa de uma cabeça, de um Homem, culto, viajado, humano, com conhecimento pratico dos problemas que as nossas actuaes necessidades estão exigindo.

Muito menos precisamos, para chefe do governo, do homem das grandes energias, mas quem saiba respeitar a lei dentro dos limites traçados pela nossa Constituição.

Lancemos, pois, daqui em diante, com mais interesse, nossas vistas para os Americanos do Norte, aprendendo seriamente com aquelle povo o melhor meio de guiar a náo do Estado. Não temos mais do que acompanhal-os na sua Historia, desde a sua formação politica até hoje, estudando, por todas as suas faces, os meios de que elles lançaram mão para chegarem á essa posição solida, invejavel, que hoje occupam no continente americano.

Que a Divina Providencia illumine os nossos governantes fazendo-os voltar ao bom caminho, a bem geral do nosso Brasil.

(S. Paulo, outubro 1913.)

O AUTOR.

DREADNOUGHT *MINAS GERAES*

A viagem do Sr. Ministro do Exterior aos Estados Unidos

O Sr. Lauro Müller em vesperas de partida para os Estados Unidos. Depois do ultimo Imperador que visitou aquelle paiz em caracter particular, o Sr. Lauro Müller é o primeiro Brazileiro a visitar a União Americana em caracter official. Temos uma constituição vasada exactamente nos moldes da dos Estados Unidos, mas da qual não apanhámos nem sequer a embocadura. Os nossos estadistas privam com os republicanos que não temos necessidade de conhecer, pondo de lado aquelles que temos necessidade absoluta de conhecer. Impressão favoravel que terá o Sr. Ministro do Exterior á sua chegada aos Estados Unidos. A cidade de New York com seu porto bem apparelhado, construido com solidez e economia, recebendo mais de dous terços da importação americana. O seu regimen aduaneiro comparado com o nosso — vagaroso e mal feito. Quando na pasta da Industria o Sr. Lauro Müller deu grande impulso á viação ferrea e portos. Breve comparação entre as estradas americanas e européas. Um «crack» premeditado no «Wall Street». As grandes lavouras americanas e respectivas industrias. O americano, um povo novo, despido de vaidade, trabalhador, coração aberto e amigo do progresso. Um quatriennio igual ao de Andrew Jackson. As republicas nunca podem viver tranquillas, mesmo quando dotadas dos melhores elementos de população e recursos naturaes, sem uma perfeita vigilancia por parte da opinião publica. Um observador sagaz e intelligente, como o Sr. Lauro Müller, visitando hoje os Estados Unidos, terá a mais util e fecunda lição que é dado aprender no mundo contemporaneo.

Reveste-se da maior importancia a proxima viagem do Sr. Lauro Müller aos Estados Unidos em retribuição á visita official do Sr. Elihu Root, Secretario do Estado do ex-Presidente Roosevelt.

Não fallando da viagem do Imperador em 1876, por occasião da Exposição do Centenario em Philadelphia, que em todo o paiz deixára tão gratas recordações, vivas até hoje, é o Sr. Lauro Müller o primeiro personagem official brasileiro que, no seu caracter official, visita a grande Republica.

E' uma circumstancia afortunada, para nós Brasileiros, que semelhante incumbencia, viesse recahir em um homem novo, de intelligencia superior, educação aprimorada, habil diplomata, historiador, experimentado na administração e na politica do paiz, e assim, perfeitamente conhecedor das nossas necessidades e facil, portanto, de assimilar tudo que d'alli possa ser utilmente applicado aqui.

Em tempo o Governo Brasileiro vai aproveitar excellente occasião que lhe abre o convite carinhosamente feito

pelo Governo Americano, enviando áquelle grande paiz um dos seus mais conspicuos representantes que, nesse caracter, não só retribuirá a visita do representante americano, como conseguirá conhecer, mais de perto, o manejo e mechanismo de suas instituições, das quaes nós nem sequer apanhamos até agora a simples embocadura.

Parece mesmo singular que tendo nós uma constituição vasada exactamente nos moldes da dos Estados Unidos, não conseguissemos, até aqui, bem comprehender o seu verdadeiro caracter e as suas exactas origens, os seus homens mais eminentes, quer do passado, quer do presente, e os meios de que todos elles lançaram mão para collocar o seu paiz no pé de prosperidade em que se acha actualmente.

E' mesmo digno de reparo que, na pratica, nos approximemos mais das velhas usanças da aristocratica Republica Franceza que, afinal, não passa de uma Monarchia disfarçada com os mais patentes defeitos do antigo regimen, sem aliás as suas grandes vantagens.

No nosso meio politico, salvo rarissimas excepções, esse espirito contradictorio, entre o governo que queremos fazer e o governo que realmente fazemos, resalta patente todos os dias. Fallamos mais no Sr. Paul Deschanel, no Sr. George Clemenceau, no Sr. Delcassé, no Sr. Poincarè, todos esses — typos representativos do governo parlamentar que queremos evitar — do que no Sr. William Taft, no Sr. Theodore Roosevelt, no Sr. William Bryan, no Sr. Woodrow Wilson— verdadeiros representantes do regimen presidencial que aliás adoptamos na theoria constitucional.

Assim, nada mais util aos nossos estadistas destinados, como o Sr. Lauro Müller, por sua situação pessoal na politica e por suas altas aptidões de governo, a influenciarem a nossa vida politica, do que a lição pratica do meio dos homens e das cousas americanas.

Partindo em caracter official, o Sr. Lauro Müller tomará naturalmente passagem em um dos nossos *dreadnoughts*, como o fez o Sr. Root quando aqui nos visitou, arvorando a sua insignia a bordo do *Charleston*. Mesmo

assim uma primeira, grande e immediata lição ao fazer a costa americana.

Ao despontar o pharol de Sandy Hook, sentinella avançada do porto de Nova York, S. Ex. terá occasião de logo notar a prestesa e galhardia da praticagem americana affrontando, mais de metade do anno, as ondas do tempestuoso Atlantico Norte, para guiar, sem perda de tempo e hesitação, o nosso enorme *dreadnought* até dar fundo na ilha de Manhatan.

Para nós, que desejamos que o Sr. Ministro do Exterior conheça os Estados Unidos em todos os seus detalhes, sentimos que não reste tempo a S. Ex. para fazer a viagem em um desses grandes navios mercantes, magnificos palacios fluctuantes, fazendo o serviço ordinario e continuo entre New York e os grandes portos do Velho Mundo.

Viajando em um desses transatlanticos que, diariamente, vencem 500 e 600 milhas, S. Ex. teria occasião de observar, com os seus proprios olhos, o serviço de carga e descarga nos differentes portos da Europa e da America, os seus cáes singelos, porém solidos, devidamente apparelhados, bem como a presteza, boa vontade, de suas authoridades fiscaes, aduaneiras e policiaes, em manifesto contraste com as nossas exercendo identicas funcções. Atracado á doca um desses *greyhounds* muitas vezes depois do sol posto, S. Ex. teria occasião de presenciar qualquer desses paquetes conduzindo 800 passageiros, só de primeira classe, immediatamente invadido por uma colmeia de empregados que, em um instante, por meio de planos inclinados, fazem rodar toda a bagagem para as *piers*. Á proporção que esta é examinada, um simples traço de giz vae-lhe dando franquia, tudo debaixo da maior ordem, sem perda alguma de tempo. Alli mesmo são pagos quaesquer direitos devidos ao fisco. E o trabalho fica concluido prolongando-se, muitas vezes, pela noite a dentro, até ser despachado o ultimo volume, mas todos, no fim da festa, com o melhor humor : — os empregados por haverem sido pagos pelo seu trabalho extraordinario e os passageiros por

se acharem de posse de suas bagagens, com liberdade de permanecerem no porto terminal ou tomar o primeiro trem para qualquer ponto do paiz. Alli mesmo, dentro das *piers* e rente ao recem-chegado, já está o carro de praça, o automovel, o infallivel e util *expressman* sacudindo nervosamente um punhado de chapas de latão, numeradas em duas series que por um preço convencionado (1$200 por volume da nossa moeda) põe a bagagem do passageiro em qualquer ponto determinado dentro de um raio de seis kilometros mais ou menos do desembarcadouro.

Quando na pasta da Viação e Industria o Sr. Lauro Müller, como nenhum outro Ministro, deu grande impulso á construcção de portos e estradas de ferro por todo o paiz.

Nós, Paulistas, especialmente, somos muito gratos a S. Ex. pela construcção da Estrada de Ferro Noroeste que veio nos dar a conhecer um imperio cujas riquezas, terras ferteis, ainda não convenientemente exploradas, não é dado a ninguem prejulgar com acerto.

Os novecentos e sessenta kilometros de cáes de atracação, orlando as *harbor lines* da ilha Manhatan (New York proprio), Brooklyn, New Jersey, as duas margens do estuario do rio Hudson, obras modestas, construidas por preços relativamente baratos, não deixando, nem por isso, de prestar o melhor serviço á navegação de grande e longo curso, virão mostrar ao espirito pratico e sensato de S. Ex. que, precisamente nos Estados Unidos, o systema de *piers*, cravados em cáes, ora de pedra, ora de madeira, estabelecidos nas *harbor lines*, para atracação de navios de ambos os lados, é o systema que devemos preferir, pela razão capital de que, offerecendo a mesma segurança de qualquer outro systema, é todavia, de todos, o mais barato, o mais rapido, o mais intelligente.

O Sr. Lauro Müller já visitou a Europa, havendo percorrido as nações melhor servidas por vias ferreas, estradas de rodagem e canaes como a Inglaterra e França, Allemanha e Suissa, Belgica e Hollanda. Nos Estados Unidos S. Ex. terá occasião de visitar os grandes canaes que põem em communicação o centro da União com o Atlantico pelo rio S. Lou-

renço e estradas-modelos como a *Pensylvania Railroad*, *New York Central*, *Baltimore & Ohio*, *Union Pacific* e muitas outras iguaes a estas que, em segurança, luxo e conforto, velocidade media, não são excedidas pelas suas congeneres da Europa.

Do estudo comparativo dessas grandes empresas, todas, fructo da iniciativa particular, dirigidas, sem apparato algum exterior, o Sr. Lauro Müller poderá tirar conclusões certas e definidas, sendo muito possivel que uma grande mudança se opere no seu espirito quanto ao systema até aqui seguido na exploração e administração de certos serviços por conta dos nossos poderes publicos.

O Sr. Ministro do Exterior não poderá ser tambem indifferente ao progresso da lavoura e industria nos Estados Unidos. Para se ter uma idéa do volume destas duas instituições gigantescas basta dizer-se que, só o dinheiro despendido unicamente com empregados de estradas de ferro, nestes ultimos annos, está calculado em mais de tres milhões de contos.

Um estudo retrospectivo de todos os paizes que estão ensaiando o systema republicano, alguns completamente abandonados na pratica, por incompativel com a sua indole e tradições, faz-nos crêr, mais de uma vez, que só com a educação civica das massas, a exemplo dos Estados Unidos, habilitando-as a pensar e reagir por si proprias é que poderemos implantar um regimen republicano real do regimen republicano puro. Não póde haver liberdade, o povo viverá sempre coagido, desde que não soubermos respeitar os direitos de outrem, direitos estes que devem ser tão caros como os nossos. Com um povo educado, cioso de seus direitos e deveres, os ambiciosos, os actuaes *salvadores* jamais encontrarão aqui guarida.

No ultimo panico financeiro, que teve lugar em Nova York, promovido por especuladores de alto cothurno, visando a não regulamentação dos *trusts*, durante a administração Roosevelt, assistimos a uma scena no Wall Street, que veio cada vez accentuar no nosso espirito o grande respeito e admiração que sempre tivemos por aquelle povo.

Para salvar os bancos nacionaes, forçados a suspender pagamentos, vimos, por muito tempo, sahir da Delegacia do Thesouro Nacional em Washington, na mesma rua, caixotes e mais caixotes de ouro, prata, papel, directamente aos bancos ameaçados e, em fila, guardando cada um o seu turno, centos de depositantes que alli estavam, a pé firme desde o dia anterior; muitos alli mesmo se alimentando, para não perderem o direito de prioridade. Não se ouvia uma queixa, o menor desrespeito á policia que, a pé ou a cavallo, fazia o serviço na City, no coração da cidade.

Tal povo, alli mesmo o dissemos, é digno de se governar por si. E' essencialmente republicano. E ai daquelle que, durante aquella tensão nervosa, de que estava imbuido todo o depositante, ousasse entender que o seu direito era superior ao do seu vizinho. Seria o morticinio, uma conflagração geral, emfim.

Com os amplos meios de communicação que os Estados Unidos fidalgamente offerecem ao viajante, superiores, como já dissemos, aos da velha Europa: desde o Atlantico até o Pacifico, desde o golfo Mexico até as fronteiras com o Canadá, o Sr. Lauro Müller terá occasião de conhecer o americano *at his best*, na sua sociedade simples porém sã, nas suas grandes lavouras, industrias gigantescas que só é dado vêr-se naquelle povo de energia mascula e emprehendedor. S. Ex. encontrará no Americano um homem novo, despretenicoso, despido de vaidade, coração aberto, avido de dar e receber informações sobre tudo que possa ser util e grandioso, formando assim, a um tempo, um povo essencialmente audaz e progressista, muito igual e bonacheirão.

Nem tudo que se vê nos Estados Unidos poderá ser facilmente transplantado para o nosso meio, dada a nossa indole e conhecidas origens. Mas quem estudar, com animo desprevenido o que nos convem e o que não nos convem adoptar de outros povos, deve procurar para a nossa formação material e intellectual uma nação nova e viril como os Estados Unidos que (vê-se estudando-se a sua historia, aliás recente), — para chegar ao actual apogeu de grandeza e prosperidade, teve de luctar precisamente com as mesmas

difficuldades que estamos hoje encontrando na nossa laboriosa trajectoria.

E' possivel que estejamos atravessando, no nosso paiz, o periodo de Andrew Jackson, seguramente o mais tormentoso da União Americana. E, se assim é, queiram os altos destinos de Deus que, aqui como lá, a esse periodo conflagrado e perturbador succedam dias fecundos de ordem, de trabalho, de organisação e reparação.

A historia politica e administrativa dos Estados Unidos, tão cheia de embaraços e difficuldades, muitas vezes tidas como insuperaveis, revela ao estudante reflectido e sensato que as nações não têm um viver tranquillo e descuidado, livre de perigos, mesmo quando sejam ellas dotadas dos melhores elementos de população e recursos naturaes como exactamente tinham os Estados Unidos.

Revendo pelo espirito nutrido da Historia esse passado difficil e tempestuoso dos Estados Unidos, o observador sagaz e intelligente, vendo, hoje, a vida admiravel do povo Americano neste primeiro quartel do seculo 20°, em viagem de estudo ou de prazer, terá a mais util, a mais fecunda lição que é dado aprender no mundo contemporaneo.

Não julgamos que o Sr. Ministro do Exterior esteja a fazer a sua aprendizagem ou a sua primeira escola como homem de governo. Já dissemos que a vantagem de sua excursão aos Estados Unidos está exactamente em que S. Exa. já é um homem feito na alta administração. Mas, como quer que seja, acreditamos que o Sr. Lauro Müller tem muito que vêr e muito que aprender com os Americanos do Norte. Por isso pensamos que a sua viagem aos Estados Unidos será proficua ao Brasil e promissora de grandes resultados para o seu progresso e para o seu futuro, tão toldado hoje de nuvens sombrias e tenebrosas, como outr'ora em tempos idos ennegreceram o horisonte e porvir da grande Republica quando, irmãos contra irmãos, disputavam nas margens do Potomac a posse de Washington.

Impressões de viagem — A partida

Partida do Rio de Janeiro debaixo das mais brilhantes manifestações. O Sr. Presidente da Republica, seus Ministros, altas patentes do exercito, da marinha e cidadãos de todas as classes sociaes a bordo do «Minas Geraes». O Sr. Ministro Lauro Müller o centro das contabulações de todas as questões que pudessem interessar á população fluctuante do «Minas Geraes». A rapaziada, desde os capitães de mar e guerra até os aspirantes, deseja a missão extrangeira para dar-lhes instrucção technica que lhes está faltando sensivelmente. O Sr. embaixador americano Edwin Morgan. O seu desembarque na Bahia ao som do «Hail Columbia». Chegada em S. Salvador. Magnifica recepção prestada ao Sr. Ministro do Exterior, por parte do Governador da Bahia e Associação Commercial. A Bahia acordando de um somno de tres seculos. Pernambuco tambem em inicio de progresso. Governo de ordem e disciplina. As obras do porto e de agua e de esgotos estas sob a direcção do Sr. Dr. Saturnino de Brito.

Bordo do «dreadnought» *Minas Geraes*, maio 31, 1913.

Em todas as nossas viagens do Brasil aos Estados Unidos, de cujo numero já perdemos a conta, nunca nos sentimos em condições de produzir cousa alguma, digna de ser lida, senão depois do ultimo porto brasileiro ao extrangeiro.

Póde-se dizer que a viagem, ao menos para nós, começou virtualmente no dia em que deixámos Pernambuco que, com a marcha regular que levamos, como por encanto, rapidamente, desappareceu do nosso horizonte.

Agora que temos as vistas voltadas para Barbados, o nosso espirito toma outra feição: começamos a pensar, a reflectir no que temos visto e observado desde que entrámos a bordo de uma das primeiras unidades da nossa Marinha de guerra.

Até aqui, desde que deixámos a majestosa bahia de Guanabara, tudo tem sido para nós motivo de sensações saudosas e agradaveis. Parece que estamos ainda presenciando a immensidade de povo de todas as classes que, coalhado e estendido no cáes Pharoux, disputa o direito e honra de dizer o ultimo adeus ao ministro Lauro Müller antes de partir para a sua honrosa missão aos Estados

Unidos. E a visita do Chefe de Estado, dos seus Ministros, de cidadãos de todas as graduações sociaes, ao « dreadnought » *Minas Geraes* e seu deslisamento suave e sereno com direcção á barra, a som das fanfarras e cumprimentos de boa viagem de todos os navios surtos no porto, são recordações que não podemos deixar de sentir e commentar e, muito menos, esquecer emquanto vivermos.

A comitiva que acompanha o Sr. Ministro do Exterior não podia ser mais homogenea. Todos os seus membros se ficaram logo conhecendo, estimando-se reciprocamente, apesar da grande differença de idade entre uns e outros. O contagio estendeu-se a todos os officiaes de bordo, prestigiado e acoroçoado pelo Sr. Lauro Müller que se tornou, desde que sahimos do Rio de Janeiro, o centro das confabulações de todas as questões que pudessem interessar á população fluctuante do *Minas Geraes*.

Antes de pormos o pé no « dreadnought » brasileiro alguem já nos havia informado que o Sr. Ministro da Marinha timbrara em dar áquelle nosso vaso de guerra uma tripolação escorreita, compativel com a missão extraordinaria que o levava aos Estados Unidos. Se houve tal intento essa idéa não foi posta em pratica. A sua tripolação é a mesma. Não houve, portanto, alteração alguma no pessoal. E se alguem nos informasse o contrario do que estamos affirmando, não teriamos difficuldade em acreditar num tão injusto boato, porque a verdade é, e nós a dizemos sem rebuço : — E' difficil encontrar-se em um navio de guerra das proporções do *Minas Geraes* um corpo de officiaes tão luzido, tão fino, começando pelo seu commandante, o capitão de fragata Thedim Costa, até ao ultimo official sob o seu commando.

A viagem tem sido feita com a maior segurança e intelligencia, mantendo o navio uma marcha compativel com a missão que o leva ao extrangeiro, isto é, a de 10 milhas por hora.

O Sr. Ministro do Exterior, logo que o navio começou a mover-se, tornou-se logo, como acima dissemos, o alvo da sympathia e admiração de todos os officiaes, discutindo os

assumptos que vinham á baila com aquella intelligencia e precisão que todos lhe reconhecem. O que logo attrahiu a sympathia e respeito do Sr. Ministro do Exterior para com os « rising sailors » do *Minas Geraes* foi o desejo que cada um delles nutre pelo levantamento do nivel moral e technico da nossa Marinha, até aqui tão trabalhada por continuas dissenções, aliás, profundas e intestinas, que só podem contribuir para o entibiamento e indifferença mesmo do espirito de maior fibra, de mais acendrado patriotismo. A rapaziada, queremos dizer, desde os capitães de mar e guerra até aos aspirantes, nobremente reconhece a sua inferioridade physica e technica com relação ás outras marinhas. Deseja, roga, com os braços abertos, a grande missão extrangeira que lhe ha de tirar da posição inferior em que se acha collocada.

O publico fica então sabendo, uma vez por todas: O obstaculo, o maior entrave á vinda da missão extrangeira, está unicamente no espirito de um pequeno nucleo de recalcitrantes que, por espirito de vaidade, de todo aquelle que não quer dar o braço a torcer, está commettendo o grande crime; impedindo que a Marinha volte ao seu antigo prestigio e esplendor, forrando-se, no momento psychologico, das lições do presente que irão ser-lhe uteis para o futuro. Já, em outros tempos, Catão, muito mais velho do que esses atrazados, pois tinha 80 annos, não se envergonhara de aprender a lingua grega.

Esses poucos officiaes, com suas responsabilidades bemdefinidas, cercados, como todo o militar, de privilegios que a Nação de muito bom grado confere áquelles que prestam serviços de sangue, não querem comprehender que nós todos, individualmente, nada somos do que meros incidentes na formação e manutenção de nossa nacionalidade. Vida toda ephemera, qual a nossa, não acontece o mesmo com o Brasil que existe e sempre existirá emquanto contar com o patriotismo e desinteresse de seus filhos.

Na companhia do Sr. Ministro do Exterior veio tambem no *Minas Geraes*, com plano de desembarcar em Pernambuco, o Sr. Edwin Morgan, Embaixador Extraordinario e

Ministro Plenipotenciario dos Estados Unidos da America no Rio de Janeiro. Era plano de S. Ex., além de acompanhar o nosso Ministro do Exterior até o ultimo porto brasileiro, prestar ainda homenagem ao nosso saudoso Joaquim Nabuco, cujos relevantes serviços, prestados ao Brasil como embaixador em Washington, continuarão sempre vivos na nossa memoria. O vento fresco que apanhamos, desde Abrolhos até a Bahia, a difficuldade de tomar-se carvão com presteza neste porto impediu que o *Minas Geraes* pudesse levar o Sr. Morgan até Pernambuco com tempo de visitar o tumulo de Joaquim Nabuco para depois tomar o *Arlanza* com rumo para o Rio de Janeiro. Tivemos, portanto, bem a nosso pezar, de deixal-o desembarcar na Bahia, aliás com todas as honras devidas á sua alta e honrosa posição. O Commandante Thedim Costa, acompanhado do seu luzido estado-maior, mandou formar toda a guarnição que lhe prestou as continencias com marcha batida e, na presença do Sr. Ministro do Exterior, toda a sua comitiva, ao som do *Hall Columbia,* o Sr. Edwin Morgan descia as escadas do nosso « dreadnought » plenamente convencido de haver feito um amigo em todos os nossos corações.

Depois de dous dias e meio de viagem chegavamos pela manhã á cidade de S. Salvador. Antes de dar fundo o *Minas Geraes*, dous grandes vapores, festivamente embandeirados, coalhados de centenas de pessoas, rodeavam o o nosso navio com aquelle enthusiasmo tão peculiar, tão caracteristico do povo bahiano. Dahi a uma hora recebiamos a visita pessoal do Sr. Governador do Estado, Dr. José Joaquim Seabra, acompanhado de seu Secretario, Dr. Arlindo Fragoso; do Chefe de Policia, membros do Associação Commercial e mais illustres convidados. Do Arsenal de Marinha, onde desembarcámos sempre acclamados por uma onda compacta de povo, o Sr. Ministro do Exterior, ladeado pelo Sr. Governador do Estado, dirigiu-se com sua comitiva á Associação Commercial, onde, saudado por esta Associação, pronunciou, em agradecimento, substancioso discurso, não nos permittindo a falta de espaço dar-lhe a sua synthese. Sobrio de palavas, ao mesmo

tempo eloquente, S. Ex., mesmo nos momentos os mais solemnes, não se deixa dominar pelo auditorio que o escuta.

Apenas com os olhos um pouco injectados, mas com a maior calma e sangue frio, vai dando o seu recado como quer e deve ser dado.

A convite do Sr. Governador do Estado, que já antes lhe havia offerecido lauto almoço no Palacio das Mercês, o Sr. Lauro Müller, apesar da chuva torrencial que cahia a cantaros, visitou varios pontos da cidade e alguns bairros cujos melhoramentos estão sendo atacados com maxima e desusada rapidez.

O que era a Bahia, antes do Sr. Seabra assumir as redeas da administração, póde ser descripto, mais ou menos, nos seguintes termos quando analysavamos o estado de declinio e abandono dos Estados do Norte, isto é, que a Bahia no seu aspecto geral, nos seus edificios de estylo colonial que nos faziam lembrar a cidade primitiva, descripta por José de Alencar nas *Minas de Prata* ; no seu caes antiquado, no seu mercado immundo, regorgitante de gente pobre e maltrapilha, nas suas ruas sujas e mal calçadas e outros indicios de sensivel atrazo que nos deviam vexar aos olhos do extrangeiro, ainda era quasi como dantes, como quando alli passámos ha mais de trinta annos! Durante esse longo espaço de tempo, que foi o sufficiente para o Japão subir á tona, amoldando-se no que mais lhe conviesse aos usos e habitos dos povos do Occidente ; melhorando seu ensino primario e secundario ; reorganizando seu exercito e marinha com o auxilio de instructores extrangeiros, ganhando, emfim, com a derrota da China, da Russia a sua supremacia nos mares do Oriente, a Bahia havia apenas conseguido quatro salientes melhoramentos : o Plano inclinado e remodelação do Elevador ; a construção da Avenida da Montanha durante a administração do venerando Brasileiro, Barão Homem de Mello ; a introducção dos bondes electricos e a reconstrucção da Escola de Medicina pelo Sr. Dr. José Joaquim Seabra, quando Ministro do Interior.

Para maior aggravante, a Bahia é um dos Estados de producção mais variada na Federação. Só com a sua laranja

privilegiada, sem rival no mundo inteiro, que fez a grandeza e prosperidade da California e da Florida, no continente septentrional, não fallando de seu carbonato, superior ao melhor da Africa, para perfuração de minas e pedreiras, ella poderia, só com aquella fructa cultivada, naturalmente com intelligencia, custear todas as suas despezas publicas; mas a politicagem (não nos referimos á alta politica) absorveu, manietou de tal modo o espirito daquelle povo, aliás tão hospitaleiro, tão intelligente, tão amoldavel a qualquer idéa generosa ou de grande valor pratico, fornecendo-nos de quando em vez o que ha de mais limpido e crystallino na nossa administração federal e diplomatica, que os governos estadoaes pela sua incompetencia, para não dizer mais, perderam de todo o direito á consideração e estima publica. Quasi que não se acredita que estadistas de pulso de homens como Cayrú de Nabuco, Saraiva, e Zacharias, Rio Branco 1° e Cotegipe e, *last, but not the least*, Ruy Barbosa, que alli todos tiveram o seu berço, viessem de um Estado tão abandonado, tão explorado pelos seus proprios filhos!

Mas hoje, graças á attitude de um espirito *rooseveltiano*, qual o do actual Governador daquelle Estado, a Bahia parece acordar, felizmente, de um somno, não de annos, mas de tres longos seculos!

Ouçam: A Bahia já tem cáes de atracação para muitos navios calando até oito metros, em aguas minimas, e está munido de espaçosos armazens que já estão sendo utilizados pelo publico, e um quebra-mar de quinhentos metros de comprimento para proteger os navios das ondas violentas geradas pelos formidaveis temporaes do sul. A Bahia já tem passeios, ruas largas, algumas asphaltadas e, até. . . automoveis. Está construindo avenidas, como tambem cuidando da instrucção publica. O seu novo regimento de cavallaria tomou como typo um animal do proprio sertão da Bahia: pequeno, agil, mas muito resistente que, intelligentemente aproveitado, fará, mais tarde, inveja á propria cavallaria italiana cisalpina.

O aspecto do povo é outro: de quem começa a ter fé e confiança no futuro do seu Estado. Assim, pois, a iniciativa individual terá de vir naturalmente, qualidade esta que

o povo jamais possuia desde a sua formação politica. Aquelle bando de povo maltrapilho que o viajante estava acostumado a encontrar, ao desembarcar no antigo Cáes do Ouro, está rareando todos os dias. O meio já não comporta semelhante gente. Tende a desapparecer por força do poder invasor da civilização.

Ninguem se sentiu mais agradavelmente impressionado com o aspecto physico e intellectual do corpo commercial da Bahia do que o Sr. Ministro do Exterior, quando, em substancioso discurso, ao qual já nos referimos, agradecia áquella illustre corporação a manifestação sincera de que elle era alvo naquella occasião.

Resta agora que o Sr. Governador, empenhado na rehabilitação do seu Estado, não se cinja sómente aos melhoramentos na capital, mas sirva tambem o interior, auxiliando a construcção, não só de caminhos de ferro, como de estradas de rodagem, sendo possivel com sentenciados que até aqui tiveram bom comportamento, cujos serviços poderão ser mais largamente apreciados no trabalho de approximação da capital com o interior do que no restricto trabalho em officinas, dentro das prisões. A ligação dos municipios e Estados entre si, por meio de estradas macadamizadas, que se prestem á exploração da industria de automoveis e caminhões, constitue, na opinião do actual Presidente dos Estados Unidos, o Sr. Woodrow Wilson, o programma do mais avisado e experimentado estadista deste seculo.

. . . .

. . . .

A impressão que sentimos ao entrar em Pernambuco é differente da que experimentámos quando por alli passamos ha quasi dous annos. O quebra-mar já existia, mas o prolongamento do caes, formado pelos recifes, só agora pudemos vel-o em uma grande extensão — complemento esse das grandes obras do porto de Pernambuco, o mais proximo do Brasil á Europa, por conseguinte o primeiro a ser visitado pelo extrangeiro. O Sr. Lauro Müller, ao avistar esse serviço, muito naturalmente commentava com

satisfação e orgulho o proseguimento de uma obra por S. Ex. projectada no quatriennio Rodrigues Alves, como o foi o porto da Bahia.

Vista de longe, Recife, cognominada pelos poetas — a Veneza brasileira, dá idéa de uma cidade levantando-se gradualmente das ondas, protegida por uma cinta de coraes que impede que o mar a asphixie, a afogue ; ponteada de lindos edificios e parques verdejantes. Mas ao chegar á Lingueta, dentro da linha natural dos recifes, que tanto encanto ao longe dava á cidade, o painel se transformava. O que viamos então ? Um cáes velho, carcomido, mais proprio de uma feitoria dos tempos da Idade Media do que uma capital moderna. Mesquinho desembarcadouro, dando para exigua praça, com algumas arvores que ma' nos protegiam dos calores equatoriaes e dous ou tres *soit disants* restaurantes, tal era o caes da Lingueta, nesse tempo, o unico da cidade. E como não designar essas casas que, em verdade não passavam de tascas, quasi que iguaes, se não pouco melhores que as da antiga praia do Peixe do velho Rio ? E note-se : a Lingueta correspondia nesse tempo á *Wall Street* de Nova York, ou á rua da Alfandega do Rio de Janeiro.

Naquella praça, que felizmente já não existe, não se via um carro, um tylbury, quanto mais um automovel ; apenas a pequena distancia uma linha de bondes de tracção animal que hoje está sendo substituida por uma de energia electrica, prestes a ser inaugurada.

Hoje o desembarcadouro é outro : mais digno, mais asseiado.

Para o transporte de mercadorias de grande peso ainda eram usadas antigas carretas, muito pesadas, lentas, arrastadas por uma vagarosa junta de bois.

. . . .

Para quem vem do Sul, onde se ouvem tantas apreciações á actual administração de Pernambuco, vale a pena indagar o que pensa a respeito a parte do povo que está fóra da politica : — o alto commercio. Pelo que ouvimos e nos certificamos de pessoas insuspeitas, a administração do

General Dantas Barreto tem sido honestissima, de verdadeira reparação. As rendas publicas têm sido cuidadosamente arrecadadas, e os pagamentos, quer internos, quer externos, feitos a tempo e hora. Isto mesmo já nos havia sido dicto em viagem pelo Sr. Lauro Müller. Sente-se em Pernambuco um Governo de ordem e disciplina. Os tribunaes de justiça funccionam livremente, sem pressão alguma extranha. Não se póde tambem dizer que o Governo do General Dantas Barreto tenha sido partidario. Muito pelo contrario : as queixas, se existem, partem menos dos adversarios da administração que dos amigos que o elevaram á curul governamental.

Em materia de instrucção publica e magistratura fomos tambem informados; o Sr. Dantas Barreto tem sido inflexivel no provimento desses cargos, attendendo mais á capacidade e integridade do candidato do que á sua simples cor partidaria. O Governador, com os trabalhos que estão sendo feitos sob suas vistas, e aquelle legado pela administração passada, qual o de aguas e exgotos, sob a direcção do provecto engenheiro Dr. Saturnino de Brito, vaticina para Pernambuco uma posição de destaque entre os seus irmãos na Federação, dentro de cinco annos. Isto elle nos dizia em palacio, cheio de convicção, diante da senhora Dantas Barreto, Brasileira intelligente e muito distincta, que com interesse e dedicação extrema acompanha todos os passos de seu illustre esposo, quer na paz, quer na guerra.

Esta carta já vai muito longa. Temos de fazer ponto, visto já estarmos *em cima* de Barbados.

Theodoro Roosevelt — Sua vinda ao Brasil

A vinda do ex-Presidente Roosevelt ao Brasil em visita particular a seu filho, por convite do Instituto Historico e Geographico do Brasil. Visita ao escriptorio do magazine «Outlook». Almoço no Club Grammercy Park em companhia do Sr. Laurence Abbot, um dos redactores do «Outlook». O ex-presidente Roosevelt durante o almoço exhibe o seu plano de viagem ao Brazil, Argentina e Chile. O ex-presidente Roosevelt, pelo seu porte, intelligencia aguda, maneiras distinctas, caracter franco e integro, faz logo um amigo ao primeiro encontro. A especial predilecção do Sr. Roosevelt por muitos membros da Igreja Catholica apesar de ser protestante. O ex-presidente anceia conhecer o Brasil com suas florestas e grandes rios. Confiança no futuro do Brazil. A influencia benefica das duas administrações do ex-presidente Roosevelt passou além das fronteiras dos Estados Unidos. De Corumbá a Santarém. «Outlook» publicará todas as cartas do viajante Roosevelt. A viagem do Sr. Roosevelt ao Brazil será de immensas vantagens ao nosso paiz. Estadista de grande prestigio mesmo sem honras officiaes.

Não é de hoje que acompanhamos a carreira politica de Theodoro Roosevelt. Nossa admiração e respeito, por esse estadista, favoravelmente conhecido nos dous mundos, quasi que não tem limites. Não pudemos deixar de visital-o logo á nossa chegada a Nova York, mesmo por saber que elle se estava preparando para visitar o nosso paiz, a Republica Argentina e o Chile.

Sendo elle um homem muito occupado, não quizemos tomar-lhe o tempo, limitando-nos a dar-lhe noticias de seu filho, o Engenheiro Kermith Roosevelt, residente em São Paulo, e reaffirmar-lhe, por ordem do Sr. Ministro Lauro Müller, o convite do Governo brasileiro, por intermedio do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, para fazer no Rio de Janeiro algumas conferencias sobre quaesquer assumptos sociaes ou economicos.

Havendo nós confirmado a nossa curta conversa, por carta, no dia 25 do mez proximo passado, o ex-Presidente Roosevelt dignou-se enviar-nos, pelo seu secretario, a seguinte carta :

The Outlook — 287, Fourth Avenue — New-York.

Office of — Theodore Roosevelt — Junho 25. 1913.

Caro senhor— O Sr. Roosevelt pedio-me para vos agradecer o conteúdo de vossa carta, dizendo, ao mesmo tempo, que teria muito prazer se podesseis tomar um *lunch* em sua companhia, no escriptorio

do *Outlook*, á uma hora da tarde, na proxima quinta-feira, 3 de julho. Elle espera que podereis vir desta vez. Queira ter a bondade de dar-me uma palavra a respeito, com os meus agradecimentos.

Vosso, com a maior sinceridade.— *Frank Harper.*»

Sr. J. C. Alves de Lima.

. . . .

No dia aprazado, compareciamos ao escriptorio do *Outlook* e como tivesse chegado um pouco antes da hora, para não perder tempo, chamamos uma menina e pedimos-lhe que nos puzesse no numero dos assignantes do *Outlook* mediante a quantia de quatro dollars e cincoenta e seis *cents* por anno. Terminado este pequeno serviço, mandamos nosso cartão ao ex-Presidente, que mandou-nos logo recolher a uma pequena sala, visto ter necessidade de attender a alguns detalhes do *Outlook*, que no momento não podiam ser adiados.

Mais tarde comparecia elle, erecto, risonho, *a picture of health*, na giria americana, acompanhado do Sr. Lawrence Abbott, seu companheiro de redacção, a quem nos apresentou com a maior cordialidade. Depois, tomando-nos pelo braço, descemos pelo elevador, percorrendo duas quadras até chegarmos a uma especie de club situado no antigo *Gramercy Park.*

Nós todos conhecemos a vida intensa do povo de Nova York: mesmo assim notámos muitas pessoas diminuirem o passo, uns para contemplarem o antigo Presidente, outros, intimos, fazerem-no parar para felicitarem-no pelo discurso pronunciado no dia anterior em uma das cidades dos Estados da Nova Inglaterra.

Entrámos no club. Fez-nos assentar à sua direita, partilhando-nos, durante o *lunch,* de tudo que havia de mais simples e frugal.

Conhecendo as intenções do Ex-Presidente levamos na memoria um plano de viagem, visto elle nos haver dito, com antecedencia, que não era sua intenção visitar, como outros viajantes, o Brasil a *vol d'oiseau*.

O seu plano de viagem excedeu, porém, a nossa espectativa, e o melhor que podemos fazer é não descrever a nossa conversa inteira, mas verter para o portuguez a carta que elle teve a bondade de dirigir-nos depois que voltamos para o escriptorio do *Outlok*.

Eil-a :

The Outlook,

287 Fourth Avenue.

Julho 3, 1193.

New York, city.

«Meu caro Sr. de Lima— Primeiramente poderei apresentar os meus mais affectuosos cumprimentos a S. Ex. o Sr. Ministro nos Negocios Extrangeiros? Sinto muito não me haver encontrado ainda com o Sr. Müller: é um dos homens a quem o inteiro hemispherio occidental deve procurar conhecer.

Agora quanto ao meu plano de viagem. Sabeis que pretendo partir do Rio a São Paulo e dalli á Republica Argentina e ao Chile. Pretendo daqui embarcar no dia 4 de outubro proximo.

Em dezembro mais ou menos pretendo seguir ao interior da America do Sul em direcção septentrional, com o fim especial de visitar a grande bacia do Amazonas.

. . . .

Como tivesteis a bondade de dizer-me que o Governo brasileiro faria tudo para que eu pudesse fazer a viagem com o maior conforto e segurança, neste momento exhibo-vos o o meu plano :

Desejo subir o rio Paraguay até Corumba para apanhar as cabeceiras do rio Tapajoz, descendo pelo mesmo em canoa até Santarém. Dalli seguirei a Manáos e desta cidade subirei o Rio Negro, descendo depois o Orenoco, via Cassiquara, para chegar finalmente em Caracas. Os Venezuelanos se encarregarão do meu transporte nesta ultima parte de minha viagem. O que eu desejo, por acreditar na generosidade do Governo brasileiro, é que elle me forneça informações se devo andar a pé ou a cavallo de Corumbá até encontrar um porto con-

veniente no rio Tapajoz, onde canôas possam estar á minha espera para nella descer o rio. Estimarei muito encontrar um guia de Corumbá ao Tapajoz que reuna as attribuições de interprete e que se encarregue de arranjar-me o numero necessario de remadores até Santarém. Em Manáos precisarei de uma pequena barca a vapôr para o meu transporte até o rio Orenoco, via rio Cassiquára, e um guia para a ultima parte da viagem.

Viajarei com muito pouca roupa. Espero ter dous companheiros daqui commigo. Uma mala de viagem estará á minha espera em Manáos com a minha roupa do homem civilizado, de modo que, de Corumbá a Manáos, viajarei com os trajes de sertanejo.

Durante esta parte da viagem desejarei ser o chefe da expedição, tendo um guia ou interprete que me auxlie no arranjo de comestiveis e na escolha dos pontos mais convenientes para acampamento durante a noite.

Estou muito grato pela vossa cortezia e bondade quando affirmaes que o Governo brasileiro dá-me a honra de acreditar que a minha viagem trará talvez alguma vantagem, qual a de tornar o mundo civilizado convencido da grandeza e grande futuro do Brasil.

Com a maior attenção, vosso, com a maior sinceridade. — *Theodore Roosevelt*.

Ao Sr. J. C. Alves de Lima, Secretario particular do Ministro Brasileiro dos Negocios Extrangeiros.

. . . .

O Sr. Theodoro Roosevelt, pelo seu porte, intelligencia aguda, maneiras distinctas, caracter franco e integro, faz logo um amigo dedicado ao primeiro encontro. Sendo muito communicativo e affavel, sentimo-nos logo á vontade para entrar em assumptos mais intimos, auxiliado pelo Sr. Abbott que, com muito interesse, acompanhava a nossa conversa.

Sómente para ouvir o que elle ia dizer-nos lembrámos ao ex-Presidente que elle tinha mais de uma sahida para o golfo do Mexico, isto é, descendo um dos affluentes do rio Amazonas, cujas cabeceiras ficam muito perto de Bogotá, capital dos Estados Unidos da Colombia.

O ex-Presidente fechou os seus dentes magnificos e com um riso comprimido dizia-nos: « Infelizmente não sou *persona grata* em Colombia. » Não diremos aos leitores o que dissemos ao ex-Presidente: apenas retorquiu-nos que a Historia ainda havia de justificar o seu acto, e, em muito pouco tempo.

O Sr. Theodoro Roosevelt, apesar de protestante, tem muitos amigos abnegados na população catholica deste paiz. Um presidente catholico nos Estados Unidos não teria feito mais pela Igreja Romana do que elle proprio durante as suas duas administrações. Achamos interessante elle perguntar-nos se não haveria inconveniente levar em sua expedição um padre catholico. Respondemos-lhe que este passo só contribuiria para elle ter até mais admiradores entre nós, visto ser catholica a maioria do povo brasileiro. Ao mesmo tempo, se elle levasse um padre protestante, diriamos nós, ninguem o censuraria por este facto, dado o espirito altamente liberal e tolerante do povo brasileiro.

Relembramos com prazer ao Sr. Roosevelt a grande amizade que elle soube cultivar com principes da Igreja Catholica do valor e pulso do Cardeal Gibbons, do Bispo Ireland, de Minessota, como o grande trabalho por elle feito em favor do Padre Marquette nas suas missões catholicas entre os Indios deste paiz. Mesmo assim, dizia o Sr. Abbott, rindo-se, o ex-Presidente, não mereceu a estima do Sr. Merry Del-Val, Secretario particular de S. Santidade Pio X na sua ultima viagem á Europa, onde foi aliás recebido por todas as côrtes daquelle continente como si estivesse no pleno exercicio do cargo de Presidente dos Estados Unidos da America

. . . .

O ex-Presidente Roosevelt disse-nos, quando nos retiravamos para o escriptorio do *Outlook*, que ha muito nutre o desejo de visitar, não o Brazil que nós todos conhecemos, mas *the real Brazil*, com suas florestas magestosas, rios caudalosos, quédas de agua superiores ao proprio Niagara, indios meio civilisados e abundantes riquezas naturaes. Elle acha que o futuro do Brazil, do qual mostra ser amigo

sincero, é assombroso. Que daqui a vinte annos teremos de presenciar ahi factos sensacionaes. Contamos-lhe que os capitaes americanos estavam já affluindo no paiz, muitos milhões de acres havendo já passado das mãos dos naturaes do paiz aos americanos para a criação do gado e construcção de estabelecimentos frigoricos destinados ao preparo e conservação de carnes.

Não pudemos deixar de fazer sentir ao ex-Presidente o grande bem que elle nos havia feito, contribuindo para que dessemos um golpe mortal na febre amarella, molestia esta que nos atrazou seguramente meio seculo. Se não fossem as medidas sanitarias postas em pratica em Havana e Panamá, durante a sua intelligente e fertil administração, talvez estivessemos ainda marcando passo, e o Governo Rodrigues Alves não seria julgado como o está sendo hoje: um Governo intelligente, de medidas largas, tomando por programma uma serie de medidas de maximo alcance, que poderão no futuro ser ampliadas mas nunca modificadas nas suas linhas basicas e geraes.

O Sr. Roosevelt deseja ser o primeiro ex-Presidente dos Estados Unidos a percorrer o interior do Brasil para poder escrever *de visu,* no terreno, o que ha de authentico e veridico quanto ás riquezas naturaes do nosso paiz. Deseja muito encontrar-se com o nosso Coronel Rondon, na nossa humilde opinião o homem que, no preparo de sua expedição, poderia ser-lhe mais util na sua viagem de Corumbá a Santarém.

O *Outlook*, que publicará, exclusivamente, nos Estados Unidos, todas as cartas do Coronel Roosevelt, durante a sua viagem entre nós, é um *magazine* semanal, admiravelmente escripto, com uma circulação de 150 mil assignantes. O Sr. Abbott quiz que percorressemos com os olhos a lista dos assignantes extrangeiros domiciliados no Brasil, tendo nós o prazer de verificar alguns assignantes nossos conhecidos, no Rio de Janeiro, S. Paulo, Curityba, Botucatú e, cremos, alguns engenheiros da *Brasil Railway*.

Consideramos a visita do ex-Presidente Roosevelt, em tão boa hora promovida pelo actual Governo brasileiro, como o

serviço mais relevante que se podia prestar ao paiz. Não nos esqueçamos que a elle devemos a unica embaixada na America do Sul, a visita de Elihu Root, seguida pela do Sr. Bryan, que neste momento dispensa ao nosso Ministro do Exterior a mais sincera e cordial recepção.

O ex-Presidente, outr'ora Coronel dos *Rough Riders*, está actualmente despido por completo de honras officiaes. Mesmo assim o seu prestigio aqui é enorme, principalmente entre as classes mais progressistas do paiz. O Sr. Roosevelt, graças ao seu grande poder de fascinação, é um inimigo terrivel na lucta politica. Elle tem mais admiradores, mais amigos pessoaes do que qualquer estadista deste paiz. Seus amigos votam-lhe a mais extrema dedicação, indo até o sacrificio, ao passo que seus adversarios o respeitam, graças áquella conducta franca e honesta que elle soube sempre imprimir na sua já longa carreira politica.

O problema negro nos Estados Unidos e no Brasil

Processos differentes entre inglezes e portuguezes. O mulato tende a desapparecer no Brazil. Producto de dous sangues que não se collimam. O mulato, pela sua volubilidade de caracter, é um grande obstaculo á organização e manejo de nossas instituições. Papel inglorio dos portuguezes na formação da colonia brasileira. O mulato, a principal victima, que lhe paga com a mesma moeda. Revelações de Booker T. Washington. O que os negros estão fazendo nos Estados Unidos, independente de qualquer quota federal, ou estadual. O trabalho em que está hoje seriamente empenhada a raça negra forçará o respeito, a consideração de um povo trabalhador e generoso como o americano. Os Srs. Bryan, Root, Lauro Müller fazendo considerações sobre a verdadeira nobreza americana.

Nas relações dos brancos com os negros, os primeiros colonizadores, inglezes e portuguezes, adoptaram processos diametralmente oppostos. E' assim que, entre nós, raras eram as familias brasileiras, relativamente fallando, em toda a colonia, que não participavam do *virus* africano.

No sul do Brazil, graças ao influxo immigratorio, o elemento mesclado tende a desapparecer em um periodo não muito distante de nós E' a lei do *survival of the fittest*, ainda que exercida com brandura, obecendo á lei da concurrencia, sem a menor pressão por parte da raça branca.

Quem conheceu o Rio de Janeiro, o velho Rio antes da sua remodelação, durante a administração Rodrigues Alves, e, muito principalmente, o Estado de S. Paulo, antes da immigração italiana, já observa uma differença sensivel em favor do augmento da raça branca e completa eliminação da raça negra e mesclada. A esta, producto de dous sangues, que não se misturam, crearam-lhe uma situação toda especial que não tem nada de estavel e da qual foi ella a unica victima.

Facilmente corroido por molestias que o branco e o negro, o mais retinto, podem melhor resistir, o mesclado, por esse conjuncto de circumstancias, tende a desapparecer, como dissemos acima. E' de lamentar que, por vicio de origem, o mesclado muito tenha contribuido para o nosso relativo atrazo, dada a sua volubilidade de caracter, não

encarando, por conseguinte, os altos problemas do Estado com a seriedade que fôra licito esperar do cidadão investido de altas funcções. Ao mesmo tempo, como contrapeso, não se lhe póde negar intelligencia e patriotismo acendrado na defesa da Patria nas circumstancias mais criticas e difficeis.

Assim, pois, teremos de brevemente aguentar, com os erros de nossos antepassados, os senhores portuguezes, que, não contentes de captivar os Africanos, não se lhes dava de tomar tambem para suas concubinas as suas proprias filhas! E' verdade que dessas allianças hybridas não se salvam os inglezes e os americanos, mas o que é de lastimar é que, mesmo até aos nossos dias, ellas ainda perdurem em alguns Estados do Norte do Brasil, mesmo no Rio de Janeiro, para vergonha e escarneo da sociedade brasileira! Não é de admirar que, em vista disso, predomine na classe baixa um odio profundo e latente entre o mesclado e o portuguez.

Não foi portanto por culpa do Africano, perfeitamente conformado na sua taba, nos seus vastos dominios, que tenhamos de enfrentar tão serios problemas, qual a purga de nossa raça para sua subsequente aprendizagem no manejo de seus deveres e direitos de povo livre.

O problema do elemento mesclado está sendo resolvido no Brasil na razão do influxo da nossa immigração, isto é, pela eliminação natural do mais fraco pelo mais forte, sem o menor grito ou protesto.

Não é elemento para dirigir, mas para ser dirigido. E, em abono do que avançamos, ahi estão os factos concludentes e frisantes nas colonias inglezas e, mesmo entre nós, com o ultimo Imperador, que sendo um homem intelligente e honesto, poude, somente com o seu exemplo, formar, entre os mesclados, homens que se nobilitaram na alta administração e na diplomacia, nas armas e nas lettras, emquanto estiveram debaixo de suas vistas. Mesmo neste paiz, não sentisse o elemento mesclado a influencia justa e benefica das leis americanas, ha muito que os Estados do Sul seriam um prolongamento do Haiti, S. Domingos e outros Estados da America.

Como não ha problema que não tenha mais de uma face a estudar e resolver, comecemos por informar ao leitor que a população negra e mesclada nos Estados Unidos já orça por nove a dez milhões de almas. Estes dous grupos, vivem, infelizmente, entre si, completamente segregados da raça branca pelo lado das relações.

Collocados entre a espada e a parede, no seu proprio paiz, naturalmente dahi veiu o espirito de iniciativa, a emulação, o desejo de se aperfeiçoarem, procurando igualar aos brancos, ao menos pelo lado da educação. Agora ouçamos o que diz neste paiz o grande negro americano, Booker T. Washington, mostrando de quanto é capaz qualquer raça quando estimulada e esporeada por outra, no mesmo meio.

« Se alguem me perguntasse » assim falla com orgulho o autor do bello livro: *Up from Slavery*, « qual seria a maior felicidade que poderia advir ao operario inglez, eu dir-lhe-hia que elle deveria, neste momento, ter as mesmas vantagens do trabalho constante e remunerador do negro do Sul, neste paiz». O negro tem aqui opportunidades, como ninguem as tem no extrangeiro, para a obtenção de terras de cultura.

« Darei alguns dados estatisticos. Em 1867 existiam apenas 111.442 alumnos e 2.087 professores exclusivamente para negros e mestiços. Destes professores existiam apenas 699 homens de côr. Em o anno passado 1.700.000 negros receberam o ensino de 31.000 professores, exclusivamente negros. Em 1867 apenas 4.661 negros frequentavam cursos superiores ; em o anno passado mais de 100.000 dessa cor estiveram matriculados nas suas respectivas escolas normaes e academias. Em 1863 existiam, nos Estados Unidos, apenas 4 instituições de ensino superior, hoje, porém, alli existem 50 academias, 3 instituições de Theologia, 3 faculdades de Direito, 5 de Medicina, 4 de Pharmacia, 17 de Agricultura e Artes Mechanicas e mais de 400 escolas normaes e industriaes. Mais de 200.000 negros e mestiços estão dedicados ao commercio. Possuem 100 companhias de Seguros, 300 Pharmacias, alem de mais de 50.000 no exercicio de diversas funcções. Mais de 500.000 estão em-

pregados em trabalhos artisticos. Sessenta e quatro bancos seus distribuem annualmente dividendos no valor de vinte milhões de dollars (1). O agricultor negro já possue quarenta milhões de acres (2). O valor total das propriedades agricolas possuidas pelo negro está orçado em quatrocentos e noventa milhões de dollars (3).

« Em 50 annos de liberdade os servos da Russia accumularam, termo médio, mais de trinta e seis dollars por cabeça, ao passo que o negro americano, sem traquejo algum no trabalho livre, elevou a oitenta e cinco a sua quota *per capita*.»

Booker T. Washington, confiante no futuro da sua raça, assim se exprime ao terminar: « Este dia é o anniversario da liberdade do negro. O progresso da nossa raça é, no seu todo, uma conquista mais que surprehendente. Graças á fé e á confiança que a raça negra deposita nos seus *leaders*, auxiliado com o concurso de muitos brancos compenetrados de ideias liberaes e generosas, póde-se dizer que o seu futuro é muito lisonjeiro, havendo dado um grande passo no seu desenvolvimento moral e economico ».

Como já dissemos, a raça brasileira, expurgada, pouco a pouco, do sangue africano que abateu-lhe as forças, inclusive o proprio caracter, terá de retemperar-se desde que, seriamente, cuidemos da immigração. Tudo que se gastar com esse importante ramo de serviço publico será de effeito reproductivo para o futuro. Nossos immigrantes devem ser espontaneos, procurando os Estados que elles livremente preferirem e não aquelles que o Governo entender encaminhal-os. Assim fixam-se elles sob sua propria responsas bilidade.

Quanto aos Estados Unidos, hão de permittir os bonfados que as duas raças, ainda que caminhando parallelamente, sempre distanciadas uma da outra, só se encontrando pelo lado das relações geraes que interessam a toda a communidade, não tenham, para o futuro, questões sérias a

(1) Mais de sessenta mil contos da nossa moeda.
(2) Sete milhões de alqueires paulistas mais ou menos.
(3) Um milhão quatro centos e setenta mil contos.

derimir, impedindo o aniquilamento da mais fraca pela mais forte.

Ha muito tempo que Booker T. Washington, espirito sagaz e previdente, conhecendo o que é a intolerancia politica de que não escapam os povos que se dizem muito adiantados, aconselha os seus companheiros de raça a não se immiscuirem, por emquanto, na politica, tomando cada um delles uma profissão que lhes garanta a confiança e o respeito de seus concidadãos. E como os costumes, graças ao progresso da humanidade, tendem, todos os dias, a adoçar, não é de todo impossivel que essa raça, apparelhada como está sendo para todos os misteres da vida, venha a merecer, para o futuro, o respeito, a estima de um povo trabalhador e generoso como é o Americano.

Na residencia do Sr. Henry White, antigo embaixador em Londres, e, ultimamente, presidente da delegação americana em Buenos-Ayres, contava o Sr. Bryan, com o maior orgulho e satisfacção, ao Sr. Lauro Müller, o modo pelo qual começara elle a sua carreira: — varrendo e esfregando o soalho do escriptorio de seu patrão, um Sr. Trumbull, á razão de dous dollars por semana. Por sua vez o Sr. Lauro Müller retorquia ao illustre Secretario de Estado que elle tambem começara a sua vida com muito poucos recursos, como empregado de uma casa commercial no Rio de Janeiro vencendo 25$000 por mez.

O Sr. Bryan, quando esteve no Brasil, não poude deixar de ficar surprehendido com o grande numero de legisladores, funccionarios publicos, militares de todas as patentes, recostando-se nos portaes das casas commerciaes da Avenida Rio Branco, bem como outros, peior ainda, impedindo o transito daquella grande via commercial. Então accrescentava com aquella expressão de critica fina, porém benevola, que bem viamos que ella nos attingia: Que neste seculo, dizia elle, o proprio *gentleman of leisure* vivendo exclusivamente de suas rendas, tinha necessidade de trabalhar para ser bem visto e acolhido na sociedade».

Realmente homens como Mauá, Vanderbilt, Jay Gould, Morgan, Harriman e outros capitães da Industria

jámais abandonaram seus escriptorios emquanto tiveram vida e saúde.

Pois se o trabalho e a educação são hoje os nossos melhores titulos de nobreza e apresentação, quer sejamos brancos, indios, negros ou mestiços, não podemos senão augurar um futuro venturoso e lisonjeiro á paciente, constante e affectiva raça negra nos Estados Unidos, apesar do muito que se tem escripto, pró ou contra, sobre tão momentoso e interessante problema.

O discurso do Sr. Ministro da Guerra o Sr. Garrison

Continuas demonstrações de estima por parte do Governo Americano ao Sr. Lauro Müller. O Presidente Wilson e o Secretario William Bryan. Banquete offerecido pelo Sr. Garrison, Secretario da Guerra, ao Sr. Lauro Müller no « roof garden » do Hotel Raleigh. O General Leonard Wood, chefe do estado-maior do exercito americano. O Coronel Goethals, director das obras do Canal do Panamá. Conselho aos graduandos de West-Point. Na opinião do Sr. Garrison, o esteio principal do exercito americano está no alistado. Os grandes generaes foram sempre estimados pelos seus proprios soldados. A disciplina, pedra fundamental para a organisação de qualquer exercito. O preparo para a guerra, condição essencial no seculo que atravessamos. Ha mais que fiar nos homens que luctam na adversidade do que naquelles que estão na prosperidade.

Pelas noticias telegraphicas que nos vêm do Rio, podemos avaliar quanto são ahi já bem conhecidas as demonstrações de apreço e estima que o Brasil continúa a receber por parte do povo americano, representado na pessôa do Sr. Ministro do Exterior, o Sr. Lauro Müller. O seu trato ameno para com todos, sem affectação de especie alguma ; o seu porte alto e sympathico, denotando, ao mesmo tempo, intelligencia, espirito calmo e reflectido, são qualidades que attrahiram a todos que se puzeram com elle em contacto.

Tivemos occasião de notar, mais de uma vez, o modo carinhoso e attencioso com que o Sr. Lauro Müller foi recebido pelo Presidente Wilson, membros de sua illustre familia, Secretario Bryan, um verdadeiro amigo do Brasil, e muitas pessôas da maior distincção deste paiz.

Deixaremos essa tarefa aos mais competentes nesse ramo de serviço jornalistico, para occupar-nos de outros assumptos não menos importantes.

O Sr. Garrison, Secretario da Guerra, que hontem deu um grande jantar ao Sr. Lauro Müller, no *roof garden do* Hotel Raleigh, pronunciou, ante-hontem, na Academia Militar de West Point, um importante discurso que, na nossa humilde opinião, deve ser lido pelos nossos jovens militares, imbuidos de renome e patriotismo. São

conselhos que aproveitam a commandantes e commandados, vindo dahi o estimulo, o respeito de que tanto necessitamos para a manutenção do nosso Exercito no seu verdadeiro pé de efficiencia e unidade de vistas.

Foi nesse banquete que tivemos occasião de ficar conhecendo pessoalmente esse digno Secretario do Presidente Wilson.

Depois de nos apresentar a varios cidadãos conspicuos e de grande nomeada como o General Leonard Wood, chefe do Estado-Maior do Exercito americano, e ao successor de Lesseps na direcção das obras do Canal de Panamá, o Coronel Gœthals, não pudemos deixar de felicitar o Sr. Secretario da Guerra por esse mesmo conceituoso discurso.

S. Ex. nos ficou muito grato quando lhe dissemos que o seu discurso seria publicado, na integra, no *Jornal do Commercio* para o estudo e meditação dos nossos jovens officiaes de mar e terra, tarefa de que aliás nos desempenhamos com o maior prazer enviando-lhe, mais tarde, um numero do *Jornal* com esse discurso.

« A cada um de vós — começa o Sr. Garrison — que está ligado ao nosso Exercito, será immediatamente confiado um corpo de homens cujo numero irá augmentando á proporção que fordes subindo de posto na hierarchia militar. E' com respeito á vossa attitude, daqui em diante, com relação aos novos alistados, que eu desejaria dizer-vos algumas palavras. O esteio principal do Exercito está no alistado. Cada « fine pinnacle » deve assentar em bases solidas, tendo como esteio principal do Exercito, e que já foi dito antes — o alistado.

Póde-se affirmar, quasi sem excepção de regra, que os grandes generaes foram sémpre estimados por seus proprios soldados. Naturalmente, a disciplina é a pedra fundamental para a organisação de qualquer exercito, que deve ser obtida desde que queiramos chegar a esse resultado, não sendo, porém, menos verdade que a disciplina e a boa vontade da parte dos commandantes jámais foram incompativeis entre si.

Deveis vos compenetrar de que vais entrar em contacto com material humano, com homens, exceptuando a hierarchia, exactamente como vós; que cada um de vós, quando despido das differenças artificiaes que a desgraça ou a fortuna ás vezes occasionam, é composto do mesmo material, isto é, que nós guardamos os mesmos sentimentos primitivos: o amor, o medo, o odio, a gratidão, a lealdade e outros sentimentos de que são aliás todos passiveis: — desde a mais alta camada até a ultima. O reconhecimento deste facto, ás mais das vezes desprezado, contribuirá mais para a estima no alistado para com o seu commandante do que qualquer cousa que elle pudesse fazer.

O preparo para a guerra, sempre de promptidão, é condição essencial em qualquer grande nação, no seculo que atravessamos; essas cousas exigem, porém, attenção constante e diaria.

Não avaliais a grande responsabilidade que vais assumir no preparo desses homens. Póde-se dizer que a vós devem elles exclusivamente o seu futuro. Elles contam com o vosso espirito de equidade, justiça, paciencia, tolerancia e bom senso, e si vos compenetrardes do que vos estou dizendo, não falseareis em nenhum delles. Não ha o que mais dóa a qualquer de nós do que a injustiça, e, para serdes justo, é indispensavel muita vigilancia da vossa parte. Respeitai-vos a vós mesmos, exigindo, ao mesmo tempo, que respeitem a vossa conducta, isto, porém, não contribuindo para que alieneis à sympathia que deveis guardar dos vossos commandados.

Deixai que elles vos procurem quando tiverem qualquer motivo de queixa, justa ou imaginavel, investigando-a com o espirito claro e desapaixonado, punindo-os com justiça, se forem merecedores.

Posso augurar, ainda que não possuindo educação militar, que, se assim procederdes, grangeareis a amizade e a affeição dos homens sob vosso commando, recebendo delles uma certa somma de lealdade, justamente no momento em que mais delles precizardes.

Inclino-me a pensar, depois de alguma experiencia

neste mundo, que ha mais que fiar nos homens que luctam na adversidade do que naquelles que estão na prosperidade. Os homens de valor enfrentam com abnegação e estoicismo os transtornos da vida, ao passo que aquelles que crearam-se ricos mostram no momento de perigo muitas das suas não desejaveis qualidades.

Por consequencia, meus jovens amigos, tomai muito cuidado em não deixar vir á tona, devido á vossa posição, certos defeitos que tivesteis occasião de observar em outros e que haveis condemnado. Não sejais arrogante: não lanceis mão da força sómente porque a possuis, muito menos sejais intolerante ou injusto para com vossos commandados. Perdoai-me se nesta occasião alegre eu vos falle neste tom, e, se assim me exprimo, é pela convicção que tenho de que esse é o verdadeiro espirito que deve predominar no nosso Exercito, se quizermos ter uma organisação militar digna desse nome e do paiz inteiro. Em conclusão, deixai-me assegurar-vos que tereis sempre a mesma benevolente sympathia e consideração da parte do Ministerio da Guerra, sendo sempre meu desejo, em materia de justiça, tratar a todos no mesmo pé de igualdade. »

Uma recepção na Casa Branca

Nossa primeira visita á Casa Branca na companhia do Sr. Ministro do Exterior. Joaquim Nabuco e Assis Brazil. O Sr. Woodrow Wilson, actual Presidente, homem de educação fina e de grande cultura. O Sr. Lauro Müller entretido com a maior distincção pelo Presidente. Mrs. Wilson e sua filha mais moça Miss Wilson. As obras de Woodrow Wilson lidas com muito interesse no Brasil. O Presidente o maior apologista das estradas de rodagem. Vida simples e frugal na Casa Branca, desde Washington até hoje. O Presidente e seus Secretarios vencendo ordenados não compativeis com a riqueza do paiz. Primeiro Presidente democrata, nascido do Sul, desde Buchanan, antecessor de Lincoln. Os Srs. Woodrow Wilson e Lauro Müller representando pequenos Estados nos seus respectivos paizes. Um laço de sympathia unindo tambem os Srs. Bryan e Lauro Müller. A mocidade americana ainda mantendo a primeira a linha na dansa das valsas de Strauss.

Apesar de haver estado em Washington não poucas vezes, quando alli exerciam funcções diplomaticas Assis Brasil e o saudoso Joaquim Nabuco, dous Brasileiros eminentes que sempre nos honraram com a sua amizade, nunca nos fôra dada a opportunidade e prazer de assistir a uma recepção do Presidente, actualmente o Sr. Woodrow Wilson, senão agora ao lado do Sr. Ministro das Relações Exteriores, o Sr. Lauro Müller.

Quem vive fóra de Washington denomina o palacio presidencial a *White House* (a Casa Branca), mas os Washingtonianos, com muita propriedade denominam a *The President's House* (a Casa do Presidente), como provaremos adiante. E' verdade que ninguem vai á recepção do Presidente sem estar munido de um convite, porém, não é menos verdade que esses mesmos convites são sempre estendidos a qualquer pessoa decente que queira apertar a mão do Presidente. A' proporção que os nomes dos convidados são annunciados, vão sendo recebidos pelo Presidente, limitando-se o encontro a um simples aperto de mão. Terminando este ceremonial, fomos naquella noite convidados a passar para um grande salão, o meio do mesmo achando-se occupado por uma grande mesa de doces de todas as qualidades. Tambem foi servido chá e chocolate.

O que devéras nos encantou, durante a recepção naquelle palacio historico, tão bem denominado — a Casa Branca — é a vida simples e frugal que o Presidente, desde Washington até Woodrow Wilson, mantém naquella casa official. Governantes e governados trajados com a maior simplicidade, inclusive os representantes do bello sexo. Todos sentindo-se bem naquella reunião, apesar de se acharem alli representadas todas as classes sociaes, inclusive o proprio agricultor do Oeste ou do Sul, que não duvidava viajar tres ou seis dias pela estrada de ferro para, na volta, ter a satisfação de narrar á familia e aos visinhos que havia tido a honra de apertar a mão do primeiro cidadão da Republica.

Parece inacreditavel que o Presidente da Republica mais rica deste planeta que, mais do que nenhuma outra, póde sacar bravamente contra o futuro, seja tão mal recompensado, não recebendo mais do que 75.000 dollars por anno, sem outro auxilio que o da criadagem, que é paga pelo Estado. Que o Sr. William Jennings, e outros, Secretarios de Estado, recebam apenas 12.000 dollars por anno, pouco mais de 26:000$ de nossa moeda, quando todos os nossos ministros no Brasil recebem a mesma somma ainda com direito a transporte gratuito pelas estradas de ferro e companhias de navegação. Nos Estados Unidos ha uma lei prohibindo expressamente que essas companhias concedam passe livre a qualquer cidadão exercendo funcções publicas. Essa lei se estende tambem aos particulares. E ai do representante ou senador que se lembrar de propôr o augmento dos vencimentos dos funccionarios publicos, aliás um acto justificavel diante das actuaes condições economicas e financeiras do paiz. Até bem pouco tempo os vencimentos do Presidente eram apenas de 25.000 dollars por anno.

O Presidente Wilson, homem de educação fina e espirito muito cultivado, tinha sempre uma palavra agradavel a todas as pessoas que vinham cumprimental-o. Tivemos occasião de observar de perto o modo attencioso e amigavel com que elle tratou o nosso Ministro do Exterior, apreciando ao mesmo tempo o esforço que o Sr. Lauro Müller

fazia para se fazer comprehender na lingua do paiz, como o conseguiu admiravelmente, independente do nosso limitado concurso. O Sr. Presidente dignou-se apresentar-nos a Mme. Wilson e sua filha mais moça, Miss Wilson, dizendo-nos: *This is my baby*. Dando-nos o Presidente liberdade para fallar, fomos logo lhe informando que, parallelamente com a grande obra de James Bryce — *The American Commonwealth*, as suas obras estavam sendo presentemente lidas com muito interesse no Brasil. Que os nossos jovens estadistas estavam simplesmente cumprindo com o seu dever, porque, para a estabilidade e manejo regular de nossas instituições, as origens do nosso actual systema deveriam ser procuradas de preferencia nos Estados Unidos, em cujo pacto fundamental haviamos tambem calcado o nosso. Informamos tambem ao Presidente Wilson que ha dous annos prégavamos no Brasil a construcção e melhoramento de estradas de rodagem por todo o paiz, como o maior serviço que se póde prestar a qualquer nacionalidade, citando propositadamente na imprensa e nas conversas particulares topicos inteiros do substancioso discurso por elle pronunciado sobre o mesmo assumpto na vigencia do seu Governo no Estado de Nova Jersey. O Presidente felicitou-nos por este nosso modesto esforço, aconselhando-nos a proseguir na nossa propaganda.

Depois de Buchanan, antecessor de Lincoln, o Sr. Woodrow Wilson é o primeiro Presidente nascido em um dos treze Estados que se rebellaram contra a União. Tendo, porém, emigrado para o Norte ainda moço, fixou sua residencia no Estado de Nova Jersey, o mais insignificante de toda a União, territorialmente fallando. Faz-nos lembrar uma cidade muito provincial, muito conservadora, que mal começa a abrir os olhos, ligada á nossa Capital Federal pelas barcas Ferry. Assim é Nova Jersey, apenas separada da ilha de Manhattan (Nova York propria) pelo rio Hudson.

Sabendo destes factos procuramos consolar o Presidente, dando a conhecer-lhe que tambem o Sr. Lauro Müller representava politicamente o Estado mais pequenino do Brasil — Santa Catharina, excluindo Sergipe.

O Presidente reteve o Sr. Lauro Müller mais de uma hora. Quando nos despediamos de S. Ex. e de sua Exma. familia chegava o Sr. Secretario de Estado Bryan que, sempre affavel e sincero, vinha saber se tudo havia corrido a contento do Sr. Ministro Müller. O Sr. Bryan disse-nos que mais de um laço de sympathia e amizade o ligava ao Sr. Lauro Müller, visto serem ambos Ministros das Relações Exteriores e coroneis nos seus respectivos paizes.

Retirámo-nos justamente na occasião em que se ouviam os primeiros sons das valsas de Strauss, dansadas com aquella graça e passos cadenciados de que parece ter privilegio exclusivo a mocidade deste paiz. Pares correctamente vestidos, mas com maxima simplicidade.

A filha mais moça do Presidente Wilson iniciou a primeira valsa mandando convidar para seu par o nosso patricio Sr. Capitão Nobrega Moreira.

Impressões de viagem — A volta

Partida de New-York em uma linda tarde de verão. Centenares de homens e mulheres dizendo o ultimo adeus ao «Minas Geraes». Este, sempre escoltado pelo «Delaware», «Arkansas» e mais tres «destroyers». Terminação da missão Lauro Müller, que não incorreu na critica de nenhum jornal americano. A revolta dos marinheiros em 1910 e suas consequencias. A missão estrangeira, de preferencia á ingleza, para a educação technica do nosso pessoal naval. A tripolação do «Minas» e toda gente de casa — exclusivamente brasileira. A nossa radiographia habilmente desempenhada pelo caboclo do Norte. Marinheiragem bisonha, sem garbo, quasi toda do Norte. Officialidade distincta, que quer aprender, nunca se afastando da linha do «gentleman». Impressões do Sr. Lauro Müller sobre os Estados Unidos. Acha S. Ex. que as nossas tendencias e as nossas educações tem differenças sensiveis; que comparal-as equivale á verificação de superioridades e inferioridades reciprocas. Que quanto mais viaja mais contente fica em recordar a origem e tradições do Brasil. Cre nas viagens para ver, ver para observar, observar para adaptar. Lemma de S. Ex: honrar a grandeza passada do Brasil, fazendo o Brasil do futuro.

Bordo do couraçado *Minas Geraes*, 26 de julho de 1913.

Já se apagaram as ultimas luzes das grandes festas que começaram neste paiz a 11 de junho ultimo, em homenagem ao Sr. Lauro Müller, e que só terminaram no dia 16 do corrente, quando o *Minas Geraes*, que se achava fundeado ha um mez defronte da rua 79 Oeste, começou a mover as suas machinas possantes pelo rio Hudson abaixo. Foi uma sahida garbosa e imponente, auxiliada por uma linda tarde de verão e não menos esplendido luar. Dir-se-ia um ocaso puramente brasileiro. De qualquer ponto para o qual projectassemos o nosso binoculo, distinguiamos claramente, pelas bordas de suas numerosas *piers* com superficie enorme de atracação para centenas de embarcações de todas as tonelagens, milhares de pessoas: homens, mulheres e creanças que, pressurosos e alegres, vinham dizer o ultimo adeus ao *Minas Geraes*.

Graças á excellente illuminação dos *skyscrapers* de Nova York pudemos distinguir, na nossa passagem, o *Times Building*, defronte do hotel *Knickerbocker*, onde o Sr. Ministro do Exterior e respectiva comitiva estiveram hospe-

dados; o *Metropolitan* no *Madison Square*; o *Singer Building*, o *Woolworth*, com 57 andares, e outros de menor importancia. Atracados ás *piers* tambem tivemos occasião de ver alguns dos grandes paquetes da *Cunard*, *White Star*, *Hamburg America*, inclusive o *Imperator*, etc., uns de fogos accesos para partirem e outros chegados de differentes portos extrangeiros.

Ao deixarmos o ponto extremo da ilha de Manhatan (Nova York propria), o Commandante Thedim Costa mandou formar toda a guarnição, em numero superior a 700 homens, nas bordas do nosso «dreadnought», e alli fez dar tres enthusiasticos vivas em signal de despedida á metropole americana.

O *Minas Geraes*, sempre acompanhando os dous « dreadnoughts » americanos, o *Delaware* e o *Arkansas*, e mais tres « destroyers », tomou logo rumo mais ao sul, deixando a bombordo Governor's Island, Brooklyn, com suas lindas praias de banho e de divertimentos, como Coney Island, Rockway Park, Rockway Beach, e, a boreste, Staten Island, Fort William, South Beach e outros sitios interessantes e pittorescos.

Ao chegarmos em frente á Sandy Hook, sentinella avançada do porto de Nova York, o *Minas* parou para fazer descer o pratico e receber as ultimas despedidas dos navios americanos. Indifferentes, absortos a tudo que no momento se passava em torno de nós, ainda sob a impressão dolorosa da despedida de entes que nos são tão caros, nem por isso deixámos de sentir a grandeza e imponencia daquella solemnidade em alto mar. Aos vivas enthusiasticos partidos dos navios americanos que, um por um, passavam pelo nosso convez, ao som do hymno brasileiro, o *Minas* galhardamente correspondia com outros não menos vibrantes, mandando tocar em seguida o *Hail Columbia*.

Estava assim terminada a missão Lauro Müller nos Estados Unidos, tarefa esta na qual o Sr. Ministro do Exterior se houve com a maior intelligencia e circumspecção, não incorrendo na critica de nenhum jornal americano. Como é

agradavel poder-se dizer: O Sr. Lauro Müller só deixou nos Estados Unidos amigos e admiradores!

E'-nos grato tambem aqui testemunhar o bom e intelligente desempenho dado pelo commandante Thedim Costa na parte que lhe competia como chefe absoluto de uma das unidades mais importantes da nossa Marinha de Guerra. Zeloso, diligente, S. S., com a maior intelligencia e correcção, retribuiu todas as festas e convites que lhe foram feitos e á sua digna officialidade pelas corporações civis e militares deste paiz.

. . . .

Ninguem póde imaginar o grande mal feito á nossa Marinha com a revolta dos marinheiros em 1910. A impressão que ella deixou no espirito publico ainda perdura, correndo a respeito do seu estado as idéas mais absurdas e disparatadas quanto á sua disciplina e competencia technica. E' verdade que quem entra a bordo de um navio de guerra brasileiro como o *Minas* não observa aquelle garbo marcial e disciplina que se nota nas antigas marinhas da Europa e mesmo nos Estados Unidos, mas estudando-se este e outros senões, com o devido criterio, vê-se logo que a solução está em uma simples adaptação ao meio a que se quer chegar. Não se póde negar intelligencia, bravura e patriotismo ao marinheiro brasileiro. Nestas condições, que impede que elle, devidamente trenado, possa ser, para o futuro, tão efficiente como o de qualquer marinha de guerra, ainda que a mais respeitavel? E' do conhecimento completo do nosso officio que nos ha de vir a confiança plena em nós mesmos. Que venha, portanto, a missão extrangeira, de preferencia a ingleza, porque foi com esse mesmo pessoal, que nos educou, que nos trenou, que conseguimos os nossos primeiros feitos de armas durante a guerra da Independencia. Foi ao mando de Taylor, Greenfell, Norton, Cockrane e outros lobos do mar que conseguimos a integração de todo o Brasil, desde o Rio Grande do Sul até o Amazonas. Um paiz com mais de 6.000 kilometros de costa maritima sem marinha, como muito bem diz o Sr. Lauro Müller, não é um paiz, mas de facto uma colonia de servos.

Hoje são os officiaes embarcados, mais em contacto com o extrangeiro, e não esses flanando diariamente na Avenida Rio-Branco, os que aspiram saber mais do que sabem actualmente, para se poderem nivelar, mais tarde, com as grandes marinheiros do mundo.

Quando entrámos no *Minas Geraes*, baseado em informações de terra, aliás em nada lisonjeiras para os creditos na nossa Marinha, pensavamos encontrar uma grande quantidade de extrangeiros occupando os primeiros postos no serviço das machinas e da electricidadade. Engano manifesto. O pessoal do *Minas*, desde o seu commandante até o ultimo marinheiro, é toda gente de casa — exclusivamente brasileiro. A proposito: é difficil encontrar em qualquer esquadra extrangeira melhor serviço de radiographia do que o que temos a bordo, serviço este feito exclusivamente pelo nosso caboclo do Norte. Emfim, no *Minas*, bem ou mal, tudo é feito com a prata da casa. O unico extrangeiro é o nosso « dreadnought », que nos informaram haver sido construido em um dos estaleiros da Inglaterra...

A nossa marinhagem, nova, bisonha, que veio substituir por completo aquella filiada á revolta de 1910, é quasi toda do Norte. Quanto aos officiaes de convez, medicos, chefes de machinas e de electricidade, elles se distribuem pelos Estados e Capital Federal do seguinte modo: 27 da Capital Federal; 12 do Rio Grande do Sul; nove do Estado do Rio de Janeiro; seis da Bahia; dois do Pará; dois do Paraná; dois de Pernambuco; dois de Minas Geraes; um de Santa Catharina; um de Sergipe; um do Amazonas; um do Piauhy; um do Ceará e, finalmente, tambem um de São Paulo.

Por felicidade installaram-nos em um camarim na praça d'armas, de onde temos tido o prazer de ouvir continuamente os officiaes discutirem, mórmente no convez e durante as horas da refeição, todos os assumptos que possam interessar ao paiz. O ideal do nosso official de hoje é fazer do Brasil uma patria grande e respeitavel.

Em todas as nossas viagens não nos recordamos de haver encontrado a bordo uma confraria tão distincta, tão

ordeira, tão igual como essa que hoje constitue a officialidade do *Minas*, pessoal este que se póde apresentar de fronte erguida em qualquer paiz do mundo, como tivemos occasião de observar em New York, sem fazer a menor *gaffe* ou se afastar da linha do *gentleman*.

Ora, pelo que se vê, não parece muito difficil que, com tal materia prima, ungida de maior sentimento patrio e amor á profissão, pessoal esse que já passou pelos cylindros mais apertados na nossa Escola Naval, não se possa constituir, para o futuro, um corpo efficiente de officiaes em toda a nossa esquadra, devidamente trenado, prompto para enfrentar o inimigo ao primeiro toque de investida. Portanto, o nosso dever como nação é instruil-o cada vez mais, dando corda ás suas nobres aspirações, movimentando-o e mantendo-o sempre fóra do Rio de Janeiro. Que a nossa marinha vá fazer estação naval em Florianopolis, S. Francisco e outros portos da nossa zona temperada, fóra do bulicio das grandes cidades, para melhor se desenvolver physica e technicamente. Que os nossos officiaes se mirem em Annapolis e West Point.

Estamos escrevendo, como sempre, com a maior sinceridade. Até aqui jámais procedemos de outro modo. Temos vivido sufficientemente no extrangeiro para nos compenetrar desta grande verdade: não ha o que mais prestigie um paiz do que a presença de uma esquadra bem apparelhada e bem trenada em aguas extrangeiras. E' a propria nação visitando as outras potencias amigas.

A presença da possante *Minas Geraes* nas aguas de Hampton Roads e no porto de New York, hasteando a insignia do Sr. Ministro do Exterior, é um acontecimento de tanta importancia, de tanta relevancia, que forçosamente terá de produzir bons fructos para a continuação da amizade reciproca que sempre existiu entre o Brasil e os Estados Unidos

. . . .

Graças á delicadeza do Sr. Ministro do Exterior, que se dignou, apesar do protocollo, dispensar-nos da viagem de Nova York a S. Francisco, tivemos de perdel-o de vista até

á sua volta á Nova York. Nesse interregno S. Ex. ficou conhecendo de *visu* o continente norte-americano, percorrendo, só em estrada de ferro, 14.400 kilometros, noite e dia, com o maior conforto e segurança. S. Ex. veio simplesmente verificar no terreno aquillo que já conhecia pelos livros e outras fontes de informação.

Abaixo publicamos as impressões pessoaes do estadista Brasileiro, que quer ver progredir o nosso paiz sem quebra da nossa estructura moral e social, tradições e mesmo de alguns preconceitos que todo o povo que se preza sabe guardar com carinho e affecto.

« Os Estados Unidos é um grande paiz povoado por um grande povo », assim se exprimiu o Sr. Lauro Müller.
« Acho que as condições do sólo, clima e recursos naturaes
« do Brasil são equivalentes e capazes de permittir um pro-
« gresso semelhante ao Americano, em breve espaço de
« tempo, se o povo Brasileiro e o seu Governo souberem
« querer. As nossas tendencias e ás nossas educações têm dif-
« ferenças sensiveis ; comparal-as equivale á verificação de
« superioridades e inferioridades reciprocas. No campo agri-
« cola e pastoril, industrial e commercial a America é incon-
« testavelmente uma escola em que ha muito que aprender.
« O amor ao trabalho, a coragem na iniciativa, o optimismo
« na vida e a rivalidade sem inveja, são exemplos que se não
« devem esquecer. Fazer mais do que qualquer outro e, não
« o fazendo, applaudir com enthusiasmo aquelles que o
« excedem no *sport*, na industria, no commercio ou no que
« fôr, são factos da vida diaria que caracterizam no povo
« americano, a um tempo, o seu espirito de progresso e a
« sua saude moral. Quanto mais viajo mais contente fico
« de recordar a origem e as tradições do Brasil : o con-
« juncto de ideias, sentimentos, aspirações e preconceitos que
« formam a personalidade de cada Brasileiro. Não sou dos
« que desejam que o Brasileiro mude para imitar qualquer
« outro povo de paiz mais adiantado, mas entendo que a
« nossa evolução deve ser rapida e vigorosa pelo contacto
« com outros povos atravéz de umaa daptação dos progressos
« mundiaes. Viajar para ver, ver para observar, observar

« para adaptar. Nunca perder o orgulho do que sabemos e
« do que temos de bom ; banir a vaidade da ignorancia que
« se não quer confessar e perder o apego aos processos e
« cousas que já não são do nosso tempo.

« Aprender na convivencia com os outros não é signal de
« ignorancia, mas de intelligencia e capacidade, porque só os
« incapazes é que não aproveitam na vida de relações. Merce
« de Deus e de nossos antepassados o Brazil póde apparecer
« tranquillo no convivio das nações. Assim será sempre e cada
« vez mais vigorosamente se a geração actual e as que lhe
« succederem souberem conservar o patrimonio de glorias, de
« saber e de progressos recebidos do passado, e dar-lhes, com
« o concurso do seu maior esforço, um desenvolvimento
« digno do nosso futuro. Cada geração, governo e povo, in-
« spirados no amor que todos os corações brazileiros sempre
« tiveram pelo nosso extremecido Brazil, poderiam resumir
« a nobreza da sua dedicação pela terra natal neste simples
« proposito : « Honrar a grandeza passada do Brasil, fazendo
« o Brasil do futuro ».

. . . .

Como meio de regularisar o nosso serviço de provisão de carvão, no estrangeiro, lembrariamos ao Sr. Ministro da Marinha a grande conveniencia delle se entender, previa e directamente, com as potencias extrangeiras, para onde nossos navios tenham de fazer a sua escala, sobre o fornecimento de carvão a esses mesmos navios, nos seus respectivos portos de arribada. Já temos o precedente firmado pelo Almirante Bacellar que, quando esteve nos Estados Unidos, durante a exposição de Jamestown, conseguiu attestar todas as carvoeiras da sua divisão com material gentilmente cedido pelo governo Americano, pelo mesmo preço por este obtido no mercado dos Estados Unidos.

Já em aguas brasileiras, com rumo para o pharol de Salinas, depomos a nossa penna.

———

Impressões de viagem — A volta

Grandes festas no Pará em honra ao «Minas Geraes» e ao Ministro Lauro Müller. Serviço de balisamento e illuminação do estuario do Amazonas no mesmo estado que ha trinta annos. O pharol de salinas unico ponto de referencia para a entrada do rio. Muito devemos ao nosso aborigene, á pratica e pericia dos commandantes nacionaes. O exemplo vivo do Rio da Prata pouco influe para que melhoremos o serviço de nossa costa. O Sr. Ministro do Exterior é partidario de uma « boa » marinha e de boas vias de communicação para a conservação « integral » do nosso immenso territorio. Instrucção seria não em « um » mas em « todos » os seus departamentos, alias reconhecida pelos proprios officiaes embarcados. O numero de officiaes do « Minas » não de accordo com as necessidades de bordo. O pessoal inferior, principalmente o de foguistas, mal accommodado e mal dormido. Reservatorio de petroleo ainda não em serviço porque os injectores ainda não funccionam. Systema antiquado na lavagem do navio. O hydrante ainda não conseguiu deslocar o balde tradicional. Enfermaria geral com 14 leitos para os doentes que exigem maior cuidado e uma de isolamento com seis leitos. A nossa Contadoria de Marinha ainda se rege pelos processos do tempo do « Onça ». O capitão-tenente Marques de Faria « afobado », tendo á ultima hora de pôr a bordo 112.000 libras sterlinas, ou uma tonelada menos 104 kilogrammas. Suas consequencias em New York. Nossa despedida do « Minas ».

Bordo do encouraçado *Minas Geraes*, 12 de agosto de 1913.

Os jornaes já devem ter publicado as grandes festas promovidas em Belém em homenagem ao Sr. Lauro Müller, que tem seu nome ligado a serviços importantes no valle da Amazonia, e igualmente ao *Minas Geraes*, a maior nave que, até aqui, tem visitado a capital do grande Estado do Pará.

Foi pena que o *Minas* não pudesse fundear até em frente ao cáes, que já offerece calado necessario para este navio. Dava-se, porém, a circumstancia do canal não offerecer ainda largura sufficiente para a manobra, tanto na entrada como na sahida. Mesmo assim, ancorado em Pinheiro, distancia igual á do Cáes Pharoux á ilha do Governador, o povo, de todas as classes, de todos os matizes politicos, em numero superior a 8.000 pessoas, soube dar franca expansão aos seus sentimentos patrioticos, affluindo em massa a bordo do nosso «dreadnought».

Já tarde, muito tarde, á bocca da noite, quando os visitantes comprehenderam que era tempo de dar descanso

aos officiaes e marinheiros, foi que elles se resolveram a deixar o navio, lamentando sinceramente que o *Minas* não pudesse demorar-se mais tempo, mesmo em Pinheiro.

. . . .

No momento em que começamos a escrever estas linhas, estamos descendo um dos deltas do grande estuario do Amazonas (o rio Pará), e, pesa-nos dizer: Depois de tantos annos passados não se nota alli melhoramento algum apreciavel quanto ao seu balisamento e respectiva illuminação. Antigamente havia uma barca-pharol que dava direcção ao canal, hoje substituida por uma boia illuminativa, que, de quando em vez, garra, ou se apaga, por sua alta recreação, constituindo tal melhoramento, nas mãos de autoridades incompetentes e negligentes, mais um perigo sério á navegação do que verdadeiro ponto de referencia. Se ao menos fosse balisado o canal de Bragança, já era um bom serviço feito á mesma navegação.

O pharól de Salinas, unico ponto de referencia, não tem ainda um rebocador, de modo a tornar a praticagem mais rapida, mais expedita. Portos francos significam augmento de commercio e abaixamento de fretes. Muito nos vale ainda a praticagem do nosso valente e audaz aborigene, a consummada pericia e pratica de nossos commandantes, quer da guerra, quer da marinha mercante, facto este que nos aprouve constatar mais de uma vez, e, agora, com o maior prazer, a bordo do *Minas Geraes* que tem como encarregado da navegação um dos officiaes de mais futuro no nosso meio — o Sr. 1° tenente Oscar de Frias Coutinho.

E tudo isso com plena sciencia do nosso Congresso, que infelizmente, continúa, como sempre, a dar ouvidos de mercador a melhoramentos tão necessarios em differentes pontos da nossa perigosa e extensa costa.

Coincidencia notavel: Quando o *Minas Geraes* subia o Amazonas, o pratico deu-nos a ler um jornal do dia, e, por elle, eramos informados que só a arrecadação do imposto de pharóes, tomando por base a collecta de um mez, deveria produzir mais de noventa contos durante o anno, quantia esta que, devidamente applicada, seria mais que sufficiente

para se manter um serviço regular de balisamento no grande rio, podendo os navios subir e descer a qualquer hora da noite. Nem o exemplo vivo do Rio da Prata, tão perto de nós, nos faz sentir os seus effeitos; em compensação, de quando em vez, para nos desabafarmos, mettemos o páo no Sr. Zeballos, quando elle se arrisca a expor ao publico a nossa negligencia em alguns assumptos de natureza politica ou administrativa.

Todos que tiverem tido occasião de ler estas *Impressões* sahidas ao correr da penna hão de ter observado o grande interesse que sempre tomamos pelo levantamento, sobre bases firmes e duradouras, da nossa marinha de guerra. Como muito bem o diz o Sr. Lauro Muller: « Precisamos actualmente de duas cousas, além de outras que estão pedindo solução immediata, ha muito tempo: De uma *boa* marinha e de boas vias de communicação a bem da conservação *integral* do nosso immenso territorio ».

O honrado Sr. Ministro da Marinha póde virar, mexer-se por onde quizer; fazer embarcar os officiaes que estão em terra; expedir mesmo *regulamentos*; mandar construir novos «dreadnoughts»; mesmo assim, elle jámais levantará a Marinha do estado em que se acha. Mas o conseguirá no dia em que elle se convencer de que toda essa marinha está precisando de instrucção, não em *um*, mais em quasi *todos* os seus departamentos, tendo a necessaria abnegação patriotica de mandar iniciar a sua instrucção por onde deve começar.

Uma cousa é um «dreadnought» como o *Minas* hastear a insignia de um ministro para retribuir a vista a uma certa e determinada potencia amiga, como o que se acaba de fazer; outra cousa é o mesmo *Minas* achar-se prompto para dar combate ao inimigo na primeira opportunidade que se lhe offerecer. Assim, pois, a instrucção technica está se impondo todos os dias com esta significação que muito nos conforta: São os proprios officiaes embarcados, como já tivemos occasião de dizer, que pedem a grande missão. Elles ja se convenceram de que, á excepção de um Gomes Pereira, Bacellar, Adelino Martins (outros nomes não nos occorrem no momento), nada ha que esperar dos seus actuaes superiores.

São elles proprios que têm o patriotismo e abnegação para confessar a sua propria inferioridade, mesmo comparada com a de duas marinhas do continente meridional.

Na nossa Marinha tudo está precisando de uma reforma, inclusive na propria administração. A reforma se impõe, mesmo para a propria conservação dos actuaes « dreadnoughts ».

Precisamos de sangue novo que se infiltre no nosso meio já bem depauperado; de homens competentes que nos ensinem umas tantas cousas que não sabemos de todo, despegando-nos, ao mesmo tempo, de outros tantos vicios inveterados que só uma missão extrangeira poderia nos arrancar.

Não ha desar algum para o militar, o mais graduado, ainda que tarde, desejar aprender o que não sabe; é, porém, ridiculo, vergonhoso, não querer elle aprender para não confessar a sua ignorancia, contribuindo, dest'arte, com o seu prestigio nas alturas, para que não aprendam aquelles que querem aprender.

Pareceu-nos que o numero de officiaes a bordo do *Minas* não estava de accôrdo com as necessidades do serviço. Dir-se-ia que na construcção do « *dreadnought* », obedeceu-se mais ao conforto dos officiaes que ao dos marinheiros e foguistas. Alguem objectou-nos que o pessoal estava dentro do regulamento; mas como explicar essa falta sensivel de accommodação aos inferiores: — aos foguistas, as peiores victimas de bordo, e aos marinheiros, que, á noite, armam rêde no convez do *Minas*, dando-lhe assim uma idéa das *gaiolas* sulcando o Amazonas e seus tributarios?

Quanto aos foguistas, que são justamente os que mais trabalham, os que soffrem a bordo, verificamos que, ao terminarem o seu serviço, muito naturalmente desejam tomar o seu banho. Ou por má canalização, ou por outra qualquer cousa, o certo é que muitos delles deixam de satisfazer esta necessidade hygienica em virtude da alta temperatura da agua. Alguns dormem no convéz de prôa ou a meia náo, debaixo das torres dos nossos grandes canhões, outros em cobertas de aço, que podem estar frias — sem colchão ou travesseiro. Difficil é, portanto, manter-se a saude de qualquer

individuo, ainda o mais robusto, nas condições acima alludidas.

Quem quizer ter uma idéa do serviço do foguista deve descer em baixo — lá nas caldeiras. Além da temperatura asphyxiante de 46° centigrados durante 4 horas consecutivas, deve ver o modo pelo qual o carvão é transportado ás costas, a uma distancia ás vezes de 40 metros, passando por portas onde o foguista tem até necessidade de se abaixar para chegar á bocca das fornalhas.

Facto singular: os constructores ou fiscaes do *Minas Geraes*, prevendo a proxima ascendencia do petroleo sobre o carvão, fizeram construir um reservatorio para o deposito de 200 toneladas daquelle combustivel, que deveria ser utilisado com o carvão. Pois bem; esse petroleo ha cinco annos que continúa no deposito, já em más condições, porque os injectores não funccionam...

Fez-se a experiencia delles na Inglaterra sem resultado pratico; mesmo assim, o navio foi recebido pelas nossas autoridades navaes!

O serviço de distribuição de agua doce é imperfeito, apezar do *Minas* distillar, diariamente, setenta toneladas. Em alguns departamentos ha falta, em outros desperdicio. Durante toda a viagem, quer na ida, quer na volta, o proprio Ministro teve de lavar o rosto com agua trazida do balde.

O modo de lavar o navio é o mais antiquado possivel. Verificámos no convés a existencia de oito *hydrantes* (tomadas de agua), mas entre nós não se faz uso de mangueiras. O serviço é ainda feito com baldes, muito vagaroso, exigindo, portanto, pessoal numerosissimo.

Graças á delicadeza e solicitude do illustre Sr. Dr. Armando Bulcão, um dos distinctos medicos de bordo, nos foi dado o prazer de visitar a installação medica do *Minas Geraes*, que se compõe do seguinte:

Uma enfermaria geral com 14 leitos para tratamento dos doentes que precisam de mais cuidado da parte dos medicos de bordo, que diariamente não só fazem a visita na enfermaria, como ainda attendem aos avulsos que procuram o medico por apresentarem ligeiro incommodo de saude,

sendo então medicados e muitos destes incluidos em uma tabella de dispensados do serviço até o restabelecimento. Além da enfermaria geral existe uma de isolamento, com seis leitos, uma para officiaes e outra de combate, utilisada sómente em caso de guerra para abrigo dos feridos, situada em uma das partes couraçadas do navio.

Dispõe ainda o serviço medico de bordo de uma sala de operação, de tamanho regular, provida de uma mesa e instrumental cirurgico necessario para as intervenções de urgencia e curativos.

O Sr. Ministro do Exterior teve desta visita a melhor impressão.

Ao terminar as nossas *Impressões*, não podemos calar o facto mais comico que tivemos occasião de presenciar na nossa vida, momentos antes da nossa partida do Rio de Janeiro. O nosso Governo, ou por outra, a nossa Contadoria de Marinha, ainda se rege pelos processos do *tempo do Onça*, tratando-se de remessa de dinheiro para o extrangeiro. Para essa repartição, carrança e anti-diluviana, os bancos nacionaes ou estrangeiros, que têm relações com o exterior, não passam de verdadeiras tripeças, não merecedoras da confiança publica. E' o caso que o commissario do *Minas*, o Sr. Capitão-Tenente Manoel Marques de Faria, teve de receber, á ultima hora, 112.000 libras esterlinas, em ouro, que, pesadas, produziram 896 kilogrammas, ou, se a arithmetica não nos engana: — uma tonelada, menos 104 kilogrammas, de libras esterlinas.

Ora, toda essa *afobação* por que passou o nosso sympathico Commissario Faria ter-se-ia evitado se a Contadoria de Marinha, em lugar de fazer o que fez, houvesse tomado saques sobre Nova York, não em libras, mas em dollars, dinheiro do paiz.

Agora analyse o leitor as consequencias desse acto impensado para o qual não encontramos um qualificativo assás adequado. Os nossos marinheiros, que não conhecem a relação entre o valor da libra esterlina e o dollar, foram, para não dizer mais, vilmente explorados no porto de Nova York, a ponto de muitos delles confundirem o dollar com

a libra! Mesmo officiaes foram victimas: alguns, por pensarem erroneamente que a libra esterlina tinha curso livre no mundo inteiro, inclusive em Nova York; outros por não quererem se dar ao trabalho de irem trocar o dinheiro nas casas de cambio no Wall Street, centro commercial de Nova York, tão distante do nosso ancoradouro.

. . . .

Vamos depôr a nossa penna.

Quando deixarmos o *Minas*, nossa residencia constante por quasi dous mezes, é muito natural que nos recordemos com saudades, mas com muitas saudades, dos dias agradaveis passados com os dignos officiaes da possante nave brasileira.

Nossa maior satisfação é que nos havemos de encontrar mais de um vez, fóra della, em outros meios de actividade.

Amamos muito a nossa Patria. Queremos vel-a forte e feliz, por isso mesmo, para chegarmos a esse resultado, não podemos deixar de nutrir os nossos mais sinceros votos pelo levantamento gradual da nossa marinha — esteio mestre da integridade do nosso territorio.

Que os nossos jovens marinheiros, apesar da crise moral que atravessamos, não desanimem no meio da jornada tão nobremente encetada, jámais se desviando da rota que a disciplina e a honra militar lhes impõem, sempre fitos naquelle distico que Barroso, na hora suprema, no momento mais critico da nossa historia naval, mandava içar no mastro grande do legendario *Amazonas*: « O Brasil espera que cada um de vós saiba cumprir com o seu dever. »

Theodore Roosevelt

Por amor á verdade e contra o que se tem espalhado quanto á prioridade do convite feito pelo Governo Brasileiro ao ex-Presidente Roosevelt, julgamos opportuno a reproducção de nosso artigo com o titulo acima, publicado no *Jornal do Commercio* de 26 de setembro de 1913.

A vinda provavel do ex-Presidente Roosevelt ao nosso paiz, por informação insuspeita que obtivemos, é um facto de tanta importancia para nós, ainda em periodo de formação, que não podemos deixar de dizer algumas palavras sobre esse eminente Americano de reputação mundial.

Vimos igualmente e, com maximo prazer, a imprensa brasileira fazendo côro, de quando em vez, com a velha Europa, na apreciação desse homem unico e extraordinario, desse estadista que timbrou em quebrar com as tradições e convencionalismo do tempo e possuir a capacidade e o aprumo necessarios para fazer de seu governo um dos mais prosperos e mais fecundos de que não ha exemplo na historia politica dos Estados Unidos.

Será porque nesse longo periodo de exercicio presidencial fosse Roosevelt demais voluntarioso e enfeixasse em suas mãos um poder, bem entendido no bom espirito, quasi que igual ao de Porfirio Díaz nos Estados Unidos Mexicanos?

Não ha exemplo, a não ser no tempo de Andrew Jackson, o jacobino americano, de uma administração tão accidentada, aliás prenhe de acontecimentos notaveis e resultados estupendos, alliada a factos tão singulares, tão imprevistos de chocarem deveras aos proprios amigos da administração, de se entreolharem e perguntarem a si proprios: What next? (Que virá depois?)

Era muito commum ouvir-se publicamente: « Roosevelt não tem papas não lingua. E' quasi um desequilibrado, falta-lhe a compostura do homem de Estado, mas é serio e o paiz caminha; vamos aguental-o. »

Por isso que Roosevelt, no louvavel intuito de circumscrever os *trusts*, regulamentando-os, de modo que sua acção não pudesse ir além de um limite razoavel, com vantagem do bem publico, os especuladores e magnatas do *Wall Street* nunca o toleraram. E' muito conhecida a phrase dura e incisiva de Roosevelt a William Harriman, o rei das estradas de ferro, qualificando-o, atravez da imprensa, *a most undesirable citizen*, e o offerecimento de uma cella na penitenciaria a John D. Rockfeller e Pierrepont Morgan quando em conferencia na Casa Branca sobre um dos grandes panicos financeiros naquelle paiz.

Roosevelt foi sempre de um temperamento irrequieto e febril, *always spoiling for a fight*. Mesmo tratando seriamente dos negocios publicos sobrava-lhe tempo para entreter polemica com os jornaes de qualquer matiz, escriptores de *magazines* e até *reporters*.

Joseph Pullitzer, proprietario do *New York World*, com muita difficuldade, livrou-se de um processo que Roosevelt mandou-lhe instaurar pelo crime de injurias impressas.

Roosevelt é formado pela Universidade de Harvard, sendo digno de nota observar-se o interesse que elle tomava pelo progresso e triumpho de sua *Alma Mater* como se ainda fosse um *college boy*. Nas regatas annuaes em que tomavam parte as grandes universidades, era seu habito, ainda como Presidente, assistir aos torneios, confraternizando com os alumnos da instituição que elle havia deixado ha mais de 20 annos. Isto fazia-nos lembrar um facto virgem, unico, acontecido no Rio de Janeiro, á chegada, do theatro da guerra do Paraguay, do 7° batalhão de voluntarios, quando Joaquim Octavio Nebias, então Ministro da Justiça, abandonava o Imperador no Arsenal de Marinha, para confraternizar com os seus conterraneos expressamente chegados de S. Paulo, para saudar aquelle legendario e glorioso batalhão.

Roosevelt teve, não ha muito tempo, o maior desprezo por todos os Estados da America do Sul, não exceptuando mesmo o Brasil, a Republica Argentina e o Chile. Não duvidou, porém, disso penitenciar-se na sua penultima mensagem presidencial.

Já no nosso pavilhão, em S. Luiz, saudando o presidente Rodrigues Alves, dizia elle, que mesmo naquelle anno de 1904 havia de mostrar que era um amigo dedicado do Brasil. O resto nós todos o sabemos : uma só embaixada americana em toda a America do Sul e essa no Brasil.

Roosevelt teve sempre esta preoccupação, isto é, que não ha agglomeração partidaria que, depois de muitos annos de governo, não se desprestigie, não se desmoralize, no conceito publico, tornando-se então necessario um revival, uma reviravolta e um pulso forte, para enxotal-a summariamente do poder. A sua actual attitude contra seu proprio partido assim o demonstra.

O ex-Presidente, quando em excursões pelo paiz, era de uma simplicidade e urbanidade taes que não deixava de agradar ás massas populares. Conversava com todos, dirigindo amenidades a uns e outros, apertava a mão do machinista, do foguista, do conductor do trem, emfim de qualquer pessoa que delle se approximasse. Tambem em visita á esquadra, sentava-se ás vezes, á mesma mesa com os marinheiros, não perdendo a occasião de incitar-lhes o amor patrio e o respeito que deviam guardar para com seus superiores hierarchicos.

Em uma dessas occasiões, em vibrante discurso, fez ver aos artilheiros que jamais deixassem de fazer boas pontarias, mesmo porque só valiam as balas que acertavam.

Roosevelt teve momentos de verdadeira inspiração patriotica, alliada a um grande desprendimento.

Terminada a guerra russo-japoneza da qual foi elle o bem inspirado interventor, o Almirante Togo baixou uma ordem do dia á esquadra japoneza, lembrando-lhe que o patriotismo, a abnegação e a disciplina pela causa do Imperador e da nação japoneza deveriam ser mantidos, em toda a sua plenitude, mesmo depois dos louros da victoria.

Roosevelt, ao ter conhecimento deste importante documento, fel-o seu, e, tal como se achava redigido, mandava vertel-o na lingua do paiz para o conhecimento e meditação da marinha americana, por achar-se, na sua opinião, alli esculpido o sentimento, o mais nobre, o mais sagrado, de que deve estar compenetrado o militar que tem sempre os olhos voltados para o pavilhão de seu paiz.

Em outra occasião de que fomos testemunha ocular, em uma festa official, pediu elle, publicamente, ao Secretario Root que lhe emprestasse o seu discurso, já pronunciado, para ler novamente a ultima parte que elle, Roosevelt, entendia dever repetir para completa elucidação de seu verdadeiro pensamento naquella reunião. Roosevelt terminou dizendo que, desde Washington, não havia exemplo do paiz possuir, até aquella época, um Secretario de Estado da altura e competencia de Elihu Root.

Um dos seus ultimos actos como Chefe do Poder Executivo foi a convocação de todos os Governadores da União para tratarem da conservação das florestas, nos seus respectivos Estados, precedida de uma exposição de motivos que figurará na historia como um dos documentos mais luminosos da sua administração. Ao proprio Bryan, seu illustre e respeitavel antagonista, soube elle attrahir a essa reunião, produzindo substancioso discurso adequado a um assumpto de tanta opportunidade e magnitude, infelizmente completamente descurado entre nós.

Os trabalhos colossaes de irrigação no Oeste daquelle paiz e a abertura do canal de Panamá, continuados com o maior esforço e vigor pelo Presidente Taft, são obras exclusivamente suas. Notou elle que este ultimo serviço não proseguia na mesma medida dos seus desejos. Transportou-se incontinente para aquella zona com um competente corpo de profissionaes. Queria dar ordens e ser obedecido e a direcção que de civil tinha sido até aqui, passou a ser militar e em condições muito mais economicas. Desde essa época as obras têm sido atacadas com rara intelligencia e desusado vigor. Não descuidou da hygiene,

condição essencial para o bem estar dos trabalhadores e futuros habitantes daquella zona.

Roosevelt é o homem da familia e pela familia. Nas obras do canal de Panamá os casados, por uma simples deliberação sua, ganham mais do que os solteiros.

Teddy Roosevelt (como o povo o denomina) iniciou durante a sua administração «a new departure», uma nova trajectoria. Em vez de machiavelismo, a franqueza ; em vez da hypocrisia, a sinceridade. Nas audiencias, na Casa Branca, aos pedidos inconvenientes tomava elle por praxe fallar um pouco mais alto para os assistentes saberem que não havia segredo entre elle e o publico.

Roosevelt, quando na tribuna, qual clava de Hercules, vae logo ás do cabo, sem « embages ». nem rodeios. Nota-se a franqueza e a convicção pullularem daquelle olhar forte e imperioso, espelho da alma, expressão fiel do nosso sentir. O povo ouve-o sempre com a maxima attenção e, em cada um dos ouvintes, a expressão dos olhos, do rosto inteiro, é que elle está dizendo qualquer cousa de util, opportuno e que já cahiu no gotto popular.

Roosevelt não engana a ninguem. Não cultiva o « arrière pensée». E' franco e, ás vezes, um tanto cruel.

Em geral toleramos, perdoamos mesmo uma verdade, ainda que dura, mas nunca uma perfidia, uma trahição.

Benjamin Franklin creou a maxima: « Honesty is the best policy ». Roosevelt substituiu « honesty » pela palavra « frankness » — a pedra de toque do seu grande successo como homem publico e particular.

Acreditamos que o Governo Brasileiro, interpretando o s.ntimento do nosso povo saberá, condignamente, receber o ex-Presidente dos Estados-Unidos com todas as honras compativeis com seu elevado merecimento — o melhor reclame, se nos permittem a phrase, para o nosso paiz, justamente na occasião em que elle começa a ter consciencia da sua vitalidade e do futuro que o aguarda ao celebrar o seu primeiro centenario.

NOTAS

A comitiva que acompanhou o Sr. Ministro das Relações Exteriores, o Sr. Lauro Müller; em missão especial aos Estados Unidos da America compunha-se do seguinte pessoal: Dr. Helio Lobo, 3º official da Secretaria do Exterior, secretario geral da missão; Dr. Adalberto Jorge de Ypanema Moreira, 2º secretario de Legação, Dr. José Custodio Alves de Lima, antigo consul no Dominio do Canadá, secretario particular; Dr. Mauricio Nabuco, addido; o capitão de fragata Antonio Julio de Oliveira Sampaio, tenente do exercito Euclydes da Fonseca, officiaes ás ordens; e o capitão Antonio José da Fonseca, addido á embaixada em Washington.

A' convite do Sr. Ministro do Exterior o Sr. Edwin Morgan, embaixador dos Estados Unidos no Rio de Janeiro, dignou-se acompanhar a missão até a Bahia.

* * *

O «dreadnought» *Minas Geraes*, que zarpou do Rio de Janeiro a 17 de Maio do anno passado, conduzindo o Sr. Ministro do Exterior e sua comitiva aos Estados Unidos da America; compunha-se do seguinte pessoal que copiamos do *Imparcial* da mesma data:

Commandante, capitão de mar e guerra Thedim Costa; immediato, capitão de fragata Octacilio Almeida, encarregado do detalhe, capitão de corveta Trajano de Carvalho; encarregado da artilharia, capitão de corveta Manot Sarrat; capitães tenentes Armando Gonçalves, L. Moreira, Cordeiro Guerra, Enéas Ramos, Fabricio Caldas e Nunes Leal; primeiros tenentes Fróes da Fonseca, Osmundo Penna, Eugenio Ribeiro, Oscar Coutinho, Barbosa Martins, Eleezar Tavares, Costa Braga, Talma Carvalho e Jair Albuquerque; segundos tenentes Wan-Tuyl Torres, Weguelin Abreu, Abreu Lima, Juvenal Greenhalgh, Azeredo Coutinho, Belfort Guimarães, Cunha Menezes, Heitor Gæliez e Plinio

Cabral; chefe de machinas, capitão de corveta machinista Gomes de Paiva; capitão-tenente machinista Tupy da Silva, primeiros tenentes machinistas Eduardo Coelho, Joaquim Lopes e Sylvio Fabricio; segundos tenentes machinistas Carlos Faria, Luiz Villarinho, Olympio Antunes, Olympio Monteiro, Vianna Sá, Lidger Carvalho, José Soares, Haroldo Rocha, Newton Figueiredo, Corrêa de Mello, João Franco Sant'Anna, Ladisláo Dantas e Sacramento e dez guardas-marinha machinistas; medicos, capitão de corveta Dr. Carlos Raja Gabaglia, Dr. Armando Bulcão; commissarios capitão-tenente Marques Faria; primeiro tenente Lyrio Santos.

O estado-menor é composto de um mestre, quatro contramestres, dous serralheiros, dous carpinteiros, quatro armeiros, dous caldereiros, 40 mecanicos, dous fieis, dous escreventes, dous enfermeiros, 18 sargentos, 420 marinheiros, 30 soldados navaes, 350 foguistas e 40 taifeiros.

5073 — Rio de Janeiro — Imprensa Nacional — 1914